

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Adriana Maria Miranda Linares

**Estudo da Agressividade no
Ensino Não-Formal.**

Campinas
2009

Adriana Maria Miranda Linares

**Estudo da Agressividade no
Ensino Não-Formal.**

Trabalho de Conclusão de Curso
(Graduação) apresentado à Faculdade de
Educação Física da Universidade Estadual
de Campinas para obtenção do título de
Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Elaine Prodócimo

Campinas
2009

ADRIANA MARIA MIRANDA LINARES

**O ESTUDO DA AGRESSIVIDADE NO ENSINO
NÃO- ORMAL**

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) defendido por Adriana Maria Miranda Linares e aprovado pela Comissão julgadora em: 14/12/2009.

Elaine Prodócimo
Orientador

Carmem Lúcia Soares
Banca

Campinas
2009

Dedicatória

Dedico este trabalho ao céu azul com nuvens brancas, dedico, as árvores com suas copas verdes frondosas, às belezas das flores, a brisa da chuva e aos por- do- sol. A luz do amanhecer e todo o seu calor. Dedico sobretudo ao Criador dessas maravilhas.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, nosso Senhor Jesus porque sem Ele nada disso seria possível. Agradeço aos meus queridos e maravilhosos amigos. A minha família. Aos funcionários da FEF, em especial ao Beroth e Warley. Aos professores, e em especial a minha orientadora Elaine, pela dedicação e amorosidade comigo. A instituição de ensino não-formal pela autorização e pelo recebimento da minha pesquisa e a todos os locais que fiz estágio de Educação Física e ao SAE que financiou a minha pesquisa inicial de iniciação científica deste tema.

Enfim, agradeço todas as pessoas que nesses cinco anos de graduação, contribuíram para hoje concluir esta formação e crescer no meu desenvolvimento pessoal.

LINARES, Adriana Maria Miranda. O estudo da Agressividade no Ensino Não - Formal. 67f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

RESUMO

A agressividade e a violência na sociedade têm, cada vez mais, influenciado no cotidiano escolar. Este estudo teve como objetivo compreender e analisar as manifestações e principais contextos da agressividade na educação não-formal. Como metodologia de pesquisa utilizamos a abordagem qualitativa, por meio da observação de alunos que frequentam uma instituição não-formal de ensino, durante a “Oficina do Movimento”, ou seja, momento de realização de atividades físicas ministradas por professores da área da Educação Física, durante 3 meses, totalizando 11 sessões; além das observações foram feitas entrevistas com professores, psicólogo, coordenadora pedagógica e diretora, no total de cinco entrevistas. Nelas pudemos perceber a contradição da teoria e prática educativa uma vez que a resposta do profissional não foi condizente com o que foi observado. Os resultados apontaram que as manifestações agressivas no ensino não-formal ocorreram por meio de provocações e xingamentos durante o contexto de jogos tendo como referência as habilidades motoras e características pessoais; a presença de profissional especializado (psicólogo) e o objetivo da instituição de não ser voltada para a transmissão de conteúdos, poderia favorecer um trabalho voltado para a formação do sujeito, porém, observou-se a dificuldade nesse processo. Portanto concluímos que é importante que haja estudos que tratem desse tema não apenas na escolaridade regular mas que também analisem as possibilidades nesse âmbito de ensino.

Palavras-Chaves: Agressividade; Ensino Não-Formal; Educação física.

LINARES, Adriana Maria Miranda. **tecle**. 2009. 67f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)- Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

ABSTRACT

The aggressiveness and the violence in society have, increasingly, affected the school's quotidian. This work had as its objective understands and analyses the manifestations and main context of the aggressiveness in the non-formal education. As research methodology we used the qualitative approach, through the observation of students who attend an non-formal educational institution, during the "Oficina do Movimento" (movement workshop), which means, moment of the realization of physical activities given by teachers of the Physical Education area, during 3 months, in a total of 11 sessions; besides of the observation were done interviews with teachers, psychologist, pedagogical coordinator and principal, in a total of 5 interviews. In those we could notice the contradiction between the theory and the educational practice once that the answer of the professional were not suitable with what was seen. The results pointed out that the manifestations of aggressiveness in the non-formal education happened by provoking and insulting during the context of games having as reference the motor abilities and personal characteristics; the presence of specialized professionals (psychologist) and the objective of the institution of not been focused in the transmission of contents, could side with a work aimed for the formations of the person, however, a difficult in this process was observed. So we concluded that it is important to have studies that treat about this theme not only in the formal educational institutions, but that analyzes the possibilities in this area of education too.

Keywords: Aggressiveness; Non-formal Education; Physical Education.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Atividades realizadas	24
Quadro 2 - Categoria de ações do Professor	27

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Episódio Agressivo	24
Tabela 2 -	Ações assumidas pelo o Professor	27
Tabela 3 -	Formas usadas no Xingamento	30
Tabela 4 -	Agressividade Direta, Indireta	32
Tabela 5 -	Reação da Vítima	34
Tabela 6 -	Reação da Vítima de maneira ativa, revide	35

SUMÁRIO

1 Introdução	10
1.1 Objetivo	12
2 Revisão Bibliográfica	13
2.1 A Tendência Anti-Social	13
2.2 A Agressividade	15
2.3 Definição: Ensino Formal, Informal e Não-Formal	18
3 Metodologia	21
3.1 Tipo de Pesquisa	21
3.2 Sujeitos	21
3.3 Coleta de Material	22
3.4 Organização e Coleta de Dados	23
4 Resultados	24
4.1 Análises das Observações	24
4.2 Análises das Entrevistas	36
5 Análise Geral do Resultado Obtido	44
6 Considerações Finais	46
7 Referências	50
8 Anexos	52
A. Relatório das Observações	53
B. Transcrição das Entrevistas	67

1 Introdução

Esta pesquisa iniciou-se a partir de um projeto de iniciação científica que foi concluído em julho deste ano. Nesse período esse estudo me incentivou a aprofundar sobre este tema em minha monografia de conclusão de curso de graduação em educação física modalidade licenciatura.

O tema agressividade tem sido amplamente discutido tanto no meio científico quanto na sociedade em geral, tendo em vista o modelo de sociedade cada vez mais violenta e agressiva; que temos presenciado e vivenciado. Esta situação se reflete em nossas crianças e no seu ambiente escolar e familiar.

Sendo a escola o segundo ambiente social de referência da criança, sua influência na formação da personalidade, na criação de valores e no seu desenvolvimento de maneira geral é muito grande, pois independente da condição inata do ser humano, as crianças podem se tornar agressivas em ambientes que o ensinam e mantêm hábitos agressivos, seja por uma questão de sobrevivência, seja por imitação ou aprovação social do seu meio. Dentro da instituição de ensino, o tema da agressividade é vivenciado e discutido diariamente, pois prejudica o desenvolvimento das aulas e outras atividades escolares. Conforme pesquisa de Abramovay (2002) os atos delituosos e de grande “incivilidade” nas escolas, levam a insegurança a quem a frequenta. As transgressões, os atos agressivos, fazem com que todos (pais, professores, alunos e funcionários) se sintam vítimas em potencial, aumentando a dificuldade do cotidiano escolar que provém tanto de problemas estruturais internos quanto da desestruturação da ordem social, de exclusões sociais, de crise e de conflitos de valores.

Com o corpo discente na escola, as conseqüências da violência e agressividade sobre o seu desempenho escolar são evidentes. Na média a pesquisa realizada pela autora citada em diversas capitais mostrou que: os alunos não conseguem se concentrar nos estudos (44%); ficam nervosos, revoltados (31%) e perdem a vontade de ir à escola (31%). Como resultado, o ambiente escolar violento e agressivo, tanto nas escolas públicas como nas privadas, impõe aos alunos graves conseqüências pessoais, além de danos físicos, traumas, sentimentos de medo e insegurança, prejudicando o seu desenvolvimento pessoal.

As formas e tipos de agressões encontradas se diferenciam pelo aspecto de idade das crianças, sexo e cultura (SHAFFER, 2005), não havendo num primeiro momento uma relação com a condição econômica da família em que se encontra como mostra a pesquisa de Sisto (2005), que verificou que em quatro distintas escolas com níveis socioeconômicos diferentes não houve comprovação quanto à relação direta entre violência e condição econômica, o que prevaleceu foi à influência cultural familiar de modo pertinente e o nível de aceitação social do aluno na escola.

Dentro desse panorama, o estudo da violência e da agressividade gera sempre discussões e diversas propostas a fim de delimitar as causas que são diversas e englobam as representações socioculturais e fatores econômicos.

Há uma dificuldade em definir violência escolar não somente porque esta remete aos fenômenos heterogêneos, difíceis de delimitar e de ordenar, mas também porque desestrutura as representações sociais que tem valor fundador: aquela da infância (inocência), a da escola (refúgio de paz) e a da própria sociedade (pacificada no regime democrático). (CHARLOT, apud ABRAMOVAY, 2003 p.72).

A violência e a agressividade no ambiente escolar estão associadas a três dimensões socioorganizacionais, segundo Debarbieux (1999): a primeira se refere à degradação do ambiente escolar, a gestão da escola que conseqüentemente leva a uma estrutura deficiente; a segunda diz respeito a uma violência que se origina de fora para dentro da escola, que a torna sitiada, através de gangues, tráfico de drogas e da exclusão social na comunidade escolar; a terceira trata da relação interna, de um componente interno da escola, específico de cada instituição. Nisso, não há determinismos, mesmos em áreas ou períodos caracterizados por exclusões. Essa violência explícita (espaçamentos, roubos, agressões diretas, entre outros) e as simbólicas (abuso do poder, manipulação, verbal e institucional, entre outros) refletem as representações que os alunos têm sobre a escola, conforme pesquisa de Abramovay (2002). Os relatos de agressão passam também por falta de respeito e humilhações, palavras grosseiras e exclusões sociais.

Sob as condições atuais de mercado de trabalho e a necessidade cada vez maior dos pais e responsáveis trabalharem uma jornada maior para atender suas necessidades econômicas de sustentação nessa sociedade atual, surge como complemento do período escolar de ensino formal, uma alternativa com proposta educativa, o ensino não-formal, que as crianças frequentam durante o horário contrário do ensino formal, complementando sua educação e atendendo à necessidade de

seus pais e ou responsáveis, que não teriam um lugar próprio e seguro para deixarem seus filhos enquanto trabalham. Por definição, educação não-formal “É um acontecimento que tem sua origem em diferentes preocupações com a formação integral do ser humano, no sentido de considerar contribuições vindas que não são priorizadas na educação formal” (AFONSO, apud PARK, 2007 p.132).

A proposta pedagógica de ensino não-formal é relativamente recente (cerca de trinta anos) em comparação ao ensino formal aqui no Brasil, tendo carência de estudos nessa área ainda mais relacionando o método proposto e a sua intervenção na manifestação da agressividade.

Portanto, as problemáticas que pautam meu estudo são: como se manifesta a agressividade em escola de educação-formal, onde há uma diferenciação de normas e sistemas para o desenvolvimento do aluno e do seu relacionamento com a comunidade a que esta se insere? Quais são os possíveis fatores presentes na instituição que contribuem ou não para essa manifestação?

1.1 Objetivo

Este estudo tem como objetivo compreender melhor a manifestação da agressividade, nas crianças de primeira à quarta série do ensino fundamental, no ambiente de educação não formal de ensino, nas oficinas de educação física, e as influências que levam a este comportamento, relacionando suas manifestações com o caráter não formal de ensino e suas possíveis diferenças dentre aquelas que se encontram relatadas em estudos sobre a educação formal.

2. Revisão Bibliográfica

2.1. A Tendência Anti-Social

Ao nos depararmos com a criança que tem um comportamento que se opõe ao esperado pela sociedade, dita uma maneira anti-social que tem como uma das suas manifestações à agressividade excessiva, precisa buscar compreender essa atitude. A tendência anti-social, é caracterizada por: “um elemento que compele o meio a ser importante. A criança ou o adolescente, através de pulsões inconscientes, compele alguém a encarregar-se de cuidar dele”. (WINNICOTT, 1999, p. 139).

Por meio dessa manifestação devemos estar atentos que a agressividade, muitas vezes, está encobrendo uma falha do ambiente em que a criança vive uma privação emocional, sendo a família, escola ou comunidade este ambiente. A ação dessa criança quer nos mostrar não somente o ato em si, mas chamar a atenção para ela e para o que ela precisa entender compreender melhor, ou mesmo superar o que não está conseguindo sozinha. Ela está nos pedindo ajuda.

O primeiro ambiente que a criança vive é o da mãe-ambiente. E este ambiente terá que ser suficientemente bom ou facilitador (por definição mãe suficientemente boa, mãe devota ou ambiente facilitador é aquele que supre as necessidades da criança). É no ato de amamentar e sustentar a criança que o desenvolvimento emocional primitivo se estabelece, ocorrendo na fase de dependência absoluta, quando a mãe é objeto subjetivamente concebido. Segue-se a fase da dependência relativa quando a mãe é reconhecida como outro, objeto objetivamente percebido. A independência é a última fase enfatizando que esta nunca é absoluta de fato. Portanto, um indivíduo sadio, sempre se relaciona com o ambiente de modo a se tornarem interdependentes; a criança que teve uma falha nesse ambiente tentará compensar esta falha, buscando em outros ambientes o acolhimento. Afinal só nos tornamos pessoas em relação com uma outra pessoa.

Quando ocorre fracasso materno, temos as invasões que provocam reações do bebê. Sobrevêm angústias: são agonias impensáveis (porque não existe ego suficiente na criança para pensá-las). Invasões intensas e reiteradas levam a sensação de aniquilação do *self* e a defesas do tipo falso *self* que encapsulam o núcleo do verdadeiro *self*. O indivíduo se desenvolve, agora a partir da casca defensiva, com referencial alheio a seu ser. Em consequência, há um enclausuramento do cerne do *self*, sensação de aniquilação e interrupção da continuidade do ser. (OUTEIRAL, apud PINTO 2009, p.19).

Podemos dizer que *self* é a pessoa que eu sou, que é somente eu, que possui uma totalidade baseada na operação do processo maturacional. A construção se faz a partir de partes que se relacionam entre si (ambiente externo, interno) e a soma dessas identificações se organiza e forma uma imagem unificada de si mesmo e do exterior.

Dentro desse desenvolvimento a criança passa por períodos de transicionalidade podendo se utilizar de objetos de transição como um brinquedo, um pano, o próprio brincar que através do lúdico o prepara para a realidade.

É necessário que ocorra a passagem da noção de relação de objeto para a de uso do objeto. Winnicott no texto O pensar e a formação de símbolos (1968), afirma. “O uso implica que o objeto é criado num mundo de realidade compartilhada que o sujeito pode usar e em que pode retroalimentar a substância diferente - de - mim no sujeito.” A satisfação dos impulsos acentua a separação e conduz à objetivação do objeto (...). “A identificação precisa basear-se em mecanismos mentais complexos” . (OUTEIRAL, apud PINTO 2009,p.26).

Na brincadeira a criança realiza-se manipulando os objetos do mundo e coloca sua própria subjetividade nele, podendo controlar impulsos, dominar angústias, desenvolver tolerância à frustração, dar escoamento à agressão. O brincar dá à criança a oportunidade de fazer.

A brincadeira, o uso de formas e artes e a prática religiosa tendem, por diversos mas aliados métodos para uma unificação e integração geral da personalidade. Por exemplo, pode-se facilmente ver que as brincadeiras servem de elo entre, por um lado, a relação do indivíduo com a realidade interior e, por outro lado, a relação do indivíduo com a realidade externa ou Compartilhada. (WINNICOTT, 1982, p. 164)

Nessa etapa de desenvolvimento, a falha do ambiente, privando a criança de alguma coisa, seja ocasionada por uma perda ou frustração diante de uma situação, trará reações de deprivação:

processo pelo qual experiência de abandono que se passa após um período de bom desenvolvimento e cuidados adequados que possibilitaram à criança pequena desenvolver um eu capaz de reconhecer os agentes responsáveis pelo seu sofrimento no meio externo e direcioná-las ao ambiente.

A base da tendência anti-social está na existência de uma boa experiência inicial, que leva a criança a atingir “a capacidade de perceber que a causa do desastre reside numa falha ou omissão ambiental”, denominada “perda original”.

Se uma separação ou perda perturbar essa situação em um momento em que o ego imaturo da criança não tiver condições de tolerar (...) a criança experimenta confusão e ansiedade inimagináveis. Uma reorganização ocorre a seguir, mas tendo como base um modelo de defesa inferior (OUTEIRAL, apud PINTO 2009, p. 37).

A criança então começa a cometer atos anti-sociais para causar incômodo, fazendo assim alguém cuidar dela. As manifestações agressivas, no caso, normalmente são dirigidas a uma pessoa significativa, a mãe ou o professor. São atos de desconfiança, raiva e agressividade diante da frustração vivenciada.

A Teoria da Tendência Anti-Social de Winnicott (apud OUTEIRAL 2009, p.12) descreve que “nas condutas de desafio ao meio que contêm, paradoxalmente, um sinal de esperança de que o indivíduo ainda confie em que o ambiente possa corrigir aquelas falhas que possibilitaram o surgimento desta tendência”. Para este autor o ambiente, deve dar uma nova oportunidade de “*ligação egóica*”, ajudando a criança a perceber que houve uma falha ambiental, no apoio a esse ego.

2.2. A Agressividade

Como definição: “todo comportamento que fere ou traz prejuízo a outrem é uma agressão” (BUSS, apud MOSER, 1991, p.15). Da mesma forma para Bandura (apud MOSER, 1991, p.17) “A agressão consiste em dirigir estímulos nocivos de forte intensidade, provocando ferimentos físicos ou morais”.

Pela teoria de instintos e impulsos (*drive*), a agressão é um instinto inato, espontâneo e cumulativo, que precisa ser descarregada de vez em quando; mas também tem sua função biológica de manutenção da espécie (FREUD, LORENZ, apud SAMULSKI, 2002 p. 198).

Para o autor Winnicott (1999), encontramos diversos aspectos sobre a agressividade. Primeiramente desde bebê, o homem possui a relação de amor e ódio, bem como a possibilidade da manifestação de comportamento agressivo. Essa excitação precisa direcionar-se para algo, pois a criança não sabe o que fazer com toda essa explosão de energia dentro de si. Existem forças inerentes à personalidade da criança e que podem ser isoladas de suas muitas expressões instintivas. Existem forças boas e más atuando e buscando o predomínio. Quando forças destrutivas ameaçam dominar as forças de amor, o indivíduo tem de fazer algo para salvar-se. Então, extravasa seu íntimo, representando um papel destrutivo, pedindo controle por meio de uma autoridade externa (através do limite). Isso também pode ser realizado pelo brincar, pelo trabalho.

Outro aspecto é a da criança poder achar que sua realidade interna terrível demais em confronto com a realidade externa. E que sua fantasia é muito ruim para ser aceita, não podendo ser usada na sublimação. Faz-se necessário alterar “eus” internos por novas experiências de incorporação e projeção. Encontrar novas formas de eliminar a “maldade” se faz então necessário. Então, a criança que chuta bola, despende energia de agressividade pelos pés, porque gosta de agredir e dar pontapés. Igualmente, inconscientemente está expulsando a agressividade do seu “eu” através dos punhos e dos pés.

O terceiro aspecto se refere ao controle da agressividade madura, observada em meninos e adolescentes. Isso motiva a competição em jogos e trabalhos. Se a agressividade for incontrolável, a lei se encarrega de cuidar disso. Para Winnicott (1999), toda a agressão que não é negada e aceita como responsabilidade pessoal, é fonte de força ao trabalho de reparação e restituição. Na construção da personalidade, o indivíduo deve ser capaz de “*drenar cada vez mais o instintual*” (p. 102), capacitando-se para reconhecer sua própria crueldade e avidez, para dominá-las, convertê-las em atividade sublimada.

Para Samulski (2002, p. 201) agressão ocorre “quando existe só a intenção ou o desejo de prejudicar outra pessoa, independentemente da realização da ação agressiva e dos efeitos prejudiciais pretendidos”. O autor ainda complementa que:

Os fatores que influenciam a agressão são: a questão inata do ser humano, ou seja, cada um de nós nasce com um instinto de agressão como meio de sobrevivência; o ambiente em si em que se vive, seja por aprendizagem observacional ou por modelo (família, amigos, mídia, etc.); e a reação por frustração, ou seja, a questão psicológica, de personalidade do indivíduo; e a cultura em que se insere. De uma maneira geral a teoria da frustração – agressão

de Weinberg & Gould, 1999, apresenta que a frustração (fracasso, bloqueio de metas), levará o aumento do nível de ativação (dor, raiva), que levará aos sinais aprendidos socialmente sinalizam a adequação da agressão que poderá levar ou não a conduta agressiva.

A família é o meio ambiente que a criança está inserida desde o seu nascimento e tornar-se grande influenciadora do seu comportamento e construção de sua personalidade. A partir dela que é constituída que são vivenciadas circunstâncias históricas, culturais, sociais, econômicas e afetivas entre os vários indivíduos que se constitui o grupo familiar. É uma unidade básica de desenvolvimento de experiências, de realização ou de fracasso.

Um bom vínculo entre pais e filhos, uma relação de confiança, espontaneidade e transparência, só são possíveis se cada um dos componentes dessa interação puder realizar uma aprendizagem emocional satisfatória. Freud (apud Ferrari e Vecina, 2002) ressalta a tarefa de socialização da família e na contribuição para a formação da personalidade dos indivíduos, mediante a constituição de vínculos afetivos. O psiquismo não é algo dado pela natureza, mas fruto de uma construção cultural que ocorre ao longo do desenvolvimento infantil, no contexto das relações familiares.

Portanto quando se estuda a agressividade na escola devemos buscar observar a intencionalidade do agressor e a vítima, e contextualizar essa conduta dentre os fatores que podem estar influenciando a sua manifestação.

Os tipos de agressão, segundo classificação de Buss (1961) são: agressão ativa física, que poderá ser tanto direta (golpes e ferimentos) ou indireta (golpes desferidos a um substituto da vítima); a agressão ativa verbal direta (insultos) ou indireta (maledicência); a agressão passiva física que pode ser direta (impedir uma ação da vítima) ou indireta (recusa em aderir a um comportamento); a agressão verbal passiva direta (recusa em falar) e a indireta (recusa em consentir); a auto-agressão (o indivíduo dirige seu comportamento agressivo contra si mesmo, prejudicando-se ou ferindo-se); agressão instrumental (a utilização de uma conduta agressiva como instrumento para alcançar suas próprias metas); agressão afetiva (reação ao estresse emocional).

2.3. Educação Formal, Informal e Não Formal.

Segundo Almerindo Janela Afonso (1989, p.78):

Por educação formal, entende-se o tipo de educação organizada com uma determinada seqüência e proporcionada pelas escolas enquanto que a designação de educação informal abrange todas as possibilidades educativas no decurso da vida do indivíduo, constituindo um processo permanente e não organizado. Por último, a educação não-formal, embora obedeça também a uma estrutura e a uma organização (distintas, porém, das escolas) e possa levar a uma certificação (mesmo que não seja essa a finalidade), diverge ainda da educação formal no que respeita à fixação de tempos e locais e a flexibilidade na adaptação dos conteúdos de aprendizagem a cada grupo concreto.

O ensino formal tem como objetivo construir saberes e favorecer a aquisição de conhecimentos por meio de umas séries de estágios qualitativos fixos, correlacionando com a inteligência geral e o comportamento moral. Toda atividade de caráter deste ensino visa um cuidadoso planejamento fechado. Este tem como obrigação uma programação equilibrada que alcance os resultados esperados, não apenas o desenvolvimento motor, mas também cognitivos e que tenham como fim atingir autonomia. As aulas de educação física têm como papel importante o controle e diminuição da agressividade, pois visa “o gasto de energia” nas atividades feitas.

Essa característica da educação não-formal de ser aberta, flexível quanto ao processo educativo, não significa que não exista uma formalidade, ou uma educação, porém estas estão presentes de maneiras diversas da escola, situa-se, em geral, paralela à educação escolar, complementando as lacunas deixadas pela escola formal. Sua proposta educacional focaliza a vivência social, a coletividade, comunidade e resgate da cultura popular em uma nova dinâmica.

Na educação formal, entre outros objetivos destacam-se os relativos ao ensino e aprendizagem de conteúdos historicamente sistematizados, normatizados por leis, dentre os quais se destacam o de formar o indivíduo como um cidadão ativo, desenvolver habilidades e competências várias, desenvolver a criatividade, percepção motricidade etc. A educação informal socializa os indivíduos, desenvolve hábitos, atitudes, comportamentos, modos de pensar e de se expressar no uso da linguagem, segundo valores e crenças de grupos que se frequenta ou que pertence por herança, desde o nascimento Trata-se do processo de socialização dos indivíduos. A educação não-formal capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Sua finalidade é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais. Seus objetivos não são dados a priori, eles se constroem no processo interativo, gerando um processo educativo. Um modo de educar surge como resultado do processo voltado para os interesses e as necessidades (GOHN, 2006, p.29).

Dessa maneira, educação não-formal, no Brasil constitui-se dialogando com ações de filantropia, assistência social e da educação social. A própria proposta desse ensino estava ligada até os anos 80 com as propostas de Paulo Freire em suas práticas de movimentos sociais. Para Parck et al (2007, p.33), “Como o próprio nome aponta, essa especificidade da educação considera as relações educacionais como eixo e mediadoras das propostas de mudança social que almejam e se propõem realizar”.

Dentro das propostas as aulas na instituição observada e na maioria das instituições de ensino não-formal, são realizadas por meio de oficinas, que são “espaços de experimentação e aprendizagem, concebem cada participante como ser ativo no processo de construção de sujeito, um ser da práxis, da ação, e da reflexão” (SILVA apud PARK, 2007, p.213) possibilitando uma igualitária e democrática comunicação no processo pedagógico.

Na educação não-formal, as metodologias operadas no processo de aprendizagem parte da cultura dos indivíduos e dos grupos. O método nasce a partir de problematização da vida cotidiana; os conteúdos emergem a partir dos temas que se colocam como necessidades, carências, desafios, obstáculos ou ações empreendedoras a serem realizadas; os conteúdos não são dados a priori. São construídos no processo. O método passa pela sistematização dos modos de agir e de pensar o mundo que circunda as pessoas. Penetra-se portanto no campo do simbólico, das orientações e representações que conferem sentido e significado às ações humanas (GOHN, 2006, p.31).

Por fim, ao ensino não formal complementa o ensino formal e amplia a formação do indivíduo construindo a partir da suas vivencias em sua comunidade.

3 Metodologia

3.1 Tipo de pesquisa

Foi realizada pesquisa qualitativa, por meio de observações e descrição da realidade observada. Constitui-se em estudo de caso que por definição em Thomas e Nelson (2002, p.301) “... o pesquisador tenta reunir muita informação sobre um ou uns poucos sujeitos (casos). Por meio de uns estudos em profundidade de um único caso, se alcança uma maior compreensão sobre outros casos similares” a partir de coleta de dados na instituição. Essa coleta de dados se deu por meio de observações e entrevistas. O estudo foi realizado com um grupo de crianças de uma classe multietária para investigar aspectos da agressividade nos alunos de 7 a 10 anos no ensino não-formal. O projeto foi aprovado pelo comitê de ética sob parecer número 062/2007.

3.2. Sujeitos

Foram observados os alunos de uma instituição não-formal de ensino, localizado em Barão Geraldo, Campinas. Estes alunos são principalmente filhos e parentes de funcionários de uma universidade, tendo um nível socioeconômico variado entre classes B, C e D. A faixa etária escolhida para ser estudada é de crianças de 7 a 10 anos completas, correspondendo às primeiras quatro séries do ensino fundamental de ambos os sexos; o estudo foi feito com a devida autorização da diretora da instituição e comitê de ética E todos os sujeitos foram mantidos no anonimato.

Os profissionais entrevistados possuem formação universitária correspondente a sua função dentro da instituição. Três dos cinco profissionais possuem pós-graduação. Todos possuem boa experiência na área e estão na instituição há pelo menos cinco anos.

3.3. A coleta de material

A pesquisa foi iniciada no segundo semestre letivo escolar, as observações na instituição de ensino iniciaram-se somente após aprovação do comitê de ética e a autorização da diretoria e dos professores responsáveis pela oficina observada, portanto no mês de setembro, e encerraram-se em dezembro, totalizando três meses. Nesse período por causa de eventos da instituição, feriados e cronograma escolar totalizaram-se 11 relatórios de observação da oficina de Educação Física denominada Oficina do Movimento, de um grupo multietária, com duração de uma hora, no período vespertino de aula (anexo 1).

A observação foi realizada sem qualquer interferência nos acontecimentos observados, avaliando as interações entre professor e alunos e aluno e alunos em seu grupo de referência, e as manifestações agressivas ocorridas em suas diversas manifestações.

Foi utilizada também, como complemento dos dados, a entrevista semi-estruturada, com a diretora, coordenador pedagógico, psicólogo da faixa etária escolhida, professor de educação física e pedagoga totalizando cinco entrevistas. Sua realização ocorreu no início do ano letivo de 2009 em fevereiro, março e abril pois nos meses de dezembro e janeiro, como havia sido proposto no cronograma inicial, ocorre o período de recesso escolar e férias de funcionários. As entrevistas ocorreram em ordem aleatória conforme a agenda dos profissionais envolvidos de modo a não atrapalhar seu trabalho na instituição.

Um roteiro de perguntas foi utilizado e as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas (anexo 2). O roteiro da entrevista foi constituído pelas seguintes perguntas:

- O que você entende por agressão?
- Agressividade é manifestada pelos alunos desta instituição? Quais são os tipos manifestados?
- Como você avalia a estrutura escolar dessa instituição em relação ao favorecimento ou não das manifestações agressivas pelos alunos.
- Você acredita que haja diferenças nos tipos de agressividade manifestados na educação não-formal em relação à formal?
- Como você trabalha isso em seu cotidiano, em suas aulas, no seu relacionamento com os alunos?

- Que fatores você considera que influenciam a agressividade nos alunos?

As entrevistas foram realizadas após as observações para não alterar a conduta dos professores durante as oficinas.

3.4. Organização e análise de dados

A partir das observações e entrevistas, o material produzido foi analisado, correlacionando fatos, procurando compreender os diversos tipos encontrados de agressividades nos alunos e sua relação com o método de ensino, condição socioeconômica, familiar, cultural e de desenvolvimento de personalidade, entre outros. A análise, portanto foi feita sob três níveis: a interpretação dos dados, a explicação sobre os fenômenos encontrados e a especificação da relação existente entre as variáveis obtidas e a proposta da pesquisa.

4 Resultados

4.1 - Análises das Observações :

Os dados foram agrupados nas seguintes categorias: quanto às aulas (as atividades propostas, se sua execução e desenvolvimento favoreceram ou não a agressividade); ao professor (sua postura no desenvolvimento da aula e em resposta a uma manifestação agressiva dos alunos); a agressividade (os tipos, relacionando com o gênero dos agressores e as reações das vítimas).

Quanto às aulas:

As aulas observadas totalizaram onze relatórios. Nas aulas foram realizadas as atividades descritas no quadro abaixo em ordem da execução e com o número relativo dos alunos presentes em cada dia da aula.

Quadro 1: Atividades Realizadas.

1º dia	Vivo- Morto; Cadeira Humana e Dança Lamba Lu.	16
2º dia	Pega Corrente, Americano, Cor; Toca do Leão; Fruta Madura e Bomba.	18
3º dia	Base quatro, Base quatro, Queimada com Curinga e Esconde -esconde.	16
4º dia	Passa Bola e Estafeta.	17
5º dia	Circuito de Corrida.	17
6º dia	Construção de Pom Pom para Campeonato.	18
7º dia	Festa do Sorvete.	0
8º dia	Escorregar no morro e Esconde -esconde.	17
9º dia	Pega Corrente; Base quatro e Esconde -esconde.	19
10º dia	Queimada com Curinga e Base quatro	12
11º dia	Caça ao Cacique	40

A seguir a próxima tabela ilustra a quantidade de episódios agressivos em cada aula (EA) e a quantidade de atividades realizadas em cada dia (QA).

Tabela1: Episódios Agressivos .

<i>Data</i>	<i>1^o dia</i>	<i>2^o dia</i>	<i>3^o dia</i>	<i>4^o dia</i>	<i>5^o dia</i>	<i>6^o dia</i>	<i>7^o dia</i>	<i>8^o dia</i>	<i>9^o dia</i>	<i>10^o dia</i>	<i>11^o dia</i>
Episódios (EA)	8	20	1	11	12	2	0	2	1	9	5
Atividades (QA)	3	6	3	2	1	1	0	2	3	2	1

Foi observado que nas atividades propostas em que há mais contato físico, independente de ser ou não cooperativa ou competitiva ocorre o favorecimento de episódios agressivos, como registrados no relatório 1 na atividade da “Cadeira Humana” ou mesmo na atividade 2 do tipo estafeta realizada na aula 4.

Houve também uma adaptação das atividades cooperativas inicialmente em competitivas pelos professores, em que ocorreram vários episódios agressivos que poderiam ter sido amenizados se sua aplicação não tivesse sido adaptada para moldes competitivos como verificado no relatório 2 na atividade “Toca do Leão”, em que se estabeleceu a regra que ganha quem não for pego, só vale um leão por vez e tentar pegar um de cada vez.

Por três vezes as crianças escolheram as atividades que elas mais gostavam de realizar, quando isto ocorreu foi observado que as manifestações agressivas ocorreram em menor quantidade, mas ainda assim ocorreram. Somente na aula 2 na atividade da “Dança do Lamba Lu” e na atividade “Esconde-esconde” da aula 8 não ocorreu nenhum episódio agressivo.

Quanto ao número de atividades realizadas durante a oficina observou-se que são em torno de uma a seis atividades oferecidas durante a aula e que há uma proporção de quanto mais atividades oferecidas, mais ocorreram episódios agressivos, como observado na aula 2 quando foram dadas 6 atividades totais (máximo oferecido) e totalizaram-se 20 episódios agressivos (o maior número observado durante as aulas).

Mesmo não sendo atividades habituais nos locais normalmente utilizados ocorreram episódios agressivos no circuito no parque (aula 5), na sala de aula (aula 6), no morro externo da instituição (aula 8) e no pátio (aula 10).

Em relação ao número de alunos participantes da oficina obteve uma média de 17 alunos e no último relatório foi observada uma atividade coletiva com 40 alunos. Não houve diferenças no número de episódios agressivos relacionados com número de crianças participantes da oficina.

Professor:

Durante a oficina do Movimento, as aulas foram ministradas por uma equipe formada por uma professora pedagoga, um professor de educação física e uma estagiária. Ocorreu por diversas vezes a variação de quem ministrava as aulas e do professor presente. Ocorreu ainda, conforme registrado na aula 10, a falta de toda equipe da oficina, que foi substituída então por uma professora de educação física do período matutino. Durante essa aula ocorreu um “enfrentamento” das crianças em relação à substituta, que soube lidar com a situação administrando bem as situações em que poderiam ocorrer episódios agressivos intervindo antecipadamente. Em sua aula foram somente observados dois episódios agressivos

“Menino então fica reclamando que não é justo e que o Rogério iria pegar outra bola. A classe então se dividiu, metade ficou do lado da professora e a outra ao lado do menino. Menino então diz que quer brincar de esconde e outra parte do grupo quer ir brincar no parque porque “é o que resta”. A professora tenta explicar, chamando o grupo pra conversar. Ela então conversa sobre o que aconteceu, fala sobre respeito, que é via dupla, ou seja, todo tem que respeitar pra ser também respeitado, e que a desrespeitaram.” (diário de campo, observação aula 10).

Foi observado que na aula do relatório 5 em que o professor de educação física ministrou sozinho, houve um número grande de manifestações agressivas e diretamente direcionadas às meninas da oficina. A postura do professor diante dos seus alunos colaborou para influenciar as manifestações agressivas por sua não ação diante de alguns fatos ocorridos, por exemplo, ignorou quando os meninos ficaram xingando, caçoando e ameaçando as meninas ao ponto de, no final da aula, 5 meninas se excluírem aos poucos das atividades, sendo que duas ainda foram caçadas pelo professor que quando questionado por um dos alunos que apontaram as duas que não fizeram à atividade, diz “*nem vi que não tinham brincado*”.

A ação dos professores na sua atuação com os alunos mostrou que o gênero do professor pode influenciar no seu perfil como professor pois o professor agia de maneira mais agressiva, ironizando, apelidando, chacoteando e ameaçando os alunos do que as professoras que tinham uma ação mais pedagógica como conversar com os alunos e buscar resolução dos conflitos; ou mesmo se a manifestação agressiva se deu na sua reação professor e aluno conforme ilustrado no número de ações agressivas na tabela 4, letra H.

Quadro 2: Categorias de ações do professores.

Ações negativas	Ações positivas	Ações neutras
Agiu Agressivamente (AA)	Ação Pedagógica (AP)	Neutro\Sem Ação (N)
Apelidou (Ap)	Reprimiu Agressividade (RA)	
Ironizou\Chacoteou (I\C)	Conversa sobre Episódio (CE)	
Ameaçou\Intimidou (A\I)	Resolução do Conflito (RE)	

As ações dos professores foram organizadas em categorias: Agiu agressivamente, apelidou, ironizou/chacoteou, ameaçou/intimidou, agiu pedagogicamente, reprimiu agressão, conversou sobre o episódio, resolveu conflito, neutro. Foi assumida a letra H para ações do professor e a letra M para ações da Professora. Os dados foram apresentados na tabela 2. Um fato observado de muita importância foi o número elevado de ambos os professores de *não-reação*, *neutralidade* ou *ignorar os episódios ocorridos*, constatados na tabela relacionada quanto ao professor.

Tabela 2: Ações assumidas pelo Professor.

		AA	Ap	IC	AI	AP	RA	CE	RC	N
R1	H	2	2	0	0	1	0	1	0	6
	M	0	2	0	0	3	2	1	0	6
R2	H	1	0	1	0	0	0	0	0	14
	M	2	0	1	1	3	2	1	0	14
R3	H	0	0	0	0	0	0	0	0	1
	M	0	0	0	0	0	0	0	0	1
R4	H	0	0	0	0	0	0	0	0	10
	M	0	0	0	0	1	0	1	0	1
R5	H	4	0	2	2	1	0	1	0	11
	M	0	0	0	0	0	0	0	0	11
R6	H	0	0	0	0	0	0	0	0	1
	M	0	0	0	0	1	0	0	0	1
R7	H	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	M	0	0	0	0	0	0	0	0	0
R8	H	0	0	0	0	0	0	0	0	1
	M	0	0	0	0	0	0	0	0	1
R9	H	0	0	0	0	0	0	0	0	3
	M	0	0	0	0	0	0	0	0	3
R10	H	0	0	0	0	0	0	0	0	6
	M	0	0	0	0	3	0	1	1	6
R11	H	0	0	0	0	0	0	0	0	4
	M	0	0	0	0	1	1	0	0	4

Ação Professor & Criança:

Ocorreram distintas ações de professores diante de ações agressivas das crianças em relação a eles. Na aula 10, a postura da professora diante da classe toda reclamando, ignorando-a, enfrentando sua autoridade foi ótima, pois, com calma, conseguiu conversar com toda a turma e dar atividade para todos os alunos, sem agressividade. Já na aula 1 uma criança grita que não quer fazer a atividade, o professor então responde alto grosseiramente ironizando-a “*parece velha, reclamona*”, ela então fica quieta e senta ao lado da professora, que a ignora e fica conversando com a estagiária. Ocorreu também em uma mesma situação uma postura ambígua da professora frente a uma outra aluna que tinha gritado que não queria ouvi-la. A professora ameaçou ligar para o pai da menina depois de várias vezes pediu para que ficasse em silêncio para poder explicar a atividade, uso de ameaça, ou então que elas entrassem em acordo para que não precisasse fazer isso Mas após esse breve acordo falou para toda turma que se não conseguisse explicar as atividades naquele momento, todos ficariam sem o horário livre, novamente ameaçando. Ou seja, não há uma postura sólida homogênea de todos os professores. Quando havia dois professores foi observada preocupação em amenizar ou neutralizar a ação agressiva do outro professor, identificando que havia uma outra postura a tomar diante daquela situação, mas quando em algumas aulas os professores ficaram sozinhos, ou somente com a estagiária, ficou clara a diferença de posturas pedagógicas diante dos episódios.

Ação Criança & Professor:

Ocorreu, conforme observado, crianças que gritam ou que ignoram o professor quando este está falando ou mesmo quando lhe é chamada à atenção. Ao serem por vezes repreendidas reagem reclamando e acaba descontento sua insatisfação na atividade atrapalhando o andamento da mesma, ou nos colegas de forma direta xingando ou chutando o boné de outro, conforme ocorrido na aula 2, por exemplo.

A criança é influenciada pela postura do professor quando este a instiga a ser mais agressiva ou quando trata outras crianças desta maneira. O exemplo na aula 2 na atividade “Toca do Leão” em que o professor fica instigando o aluno “leão” a ser mais bravo, e o aluno a partir disto assim o faz tornando-se mais agressivo; e na aula 5 em que o professor grita com uma menina “licença menina!” que sem querer estava no local (parque). Os meninos vendo esta atitude começam a gritar com a menina também.

Formas\Tipos de agressões manifestadas pelas crianças:

Conforme relatório, os tipos observados são Direto verbal e físico e o Indireto, ilustrados na tabela 3 e 4.

A tabela 3 apresenta cinco categorias de xingamentos mais comuns pelas crianças: a questão ligada ao gênero da criança dela ser “menina fracote” ou do menino ser “menininha”, ou seja, que se refere ao modelo de feminino (mulher) & masculino (homem). A questão racial apesar de ser comum no meio não foi observado. Os xingamentos relacionando a aspectos físicos da criança como por exemplo: “gorda, “magrela” e a características psicológicas “burra”, são exemplos de manifestações encontradas nas observações (anexo 1) quantificadas na tabela abaixo”.

Tabela 3: formas usadas nos xingamentos.

		Gênero	Racial	Carct.Física	Carct.Psicológica
R1	H	0	0	0	5
	M	1	0	0	5
R2	H	0	0	0	3
	M	4	0	4	1
R3	H	0	0	0	0
	M	4	0	4	1
R4	H	0	0	3	5
	M	0	0	0	0
R5	H	4	0	0	0
	M	0	0	1	3
R6	H	0	0	0	0
	M	0	0	0	0
R7	H	0	0	0	0
	M	1	0	1	0
R8	H	0	0	1	0
	M	0	0	0	0
R9	H	0	0	0	1

	M	0	0	0	0
R10	H	0	0	0	0
	M	0	0	0	0
R11	H	1	0	0	1
	M	0	0	0	0
Total	H	5	0	4	15 g. 24
	M	10	0	10	10 20

Direto Verbal (xingamentos, habilidades):

Quanto às crianças, as manifestações foram: dentre a agressividade verbal as formas mais utilizadas foram: o xingamento, o apelidar, ameaçar, caçoar/ironizar da vítima, em maior proporção nos meninos do que nas meninas. O xingamento tem o maior índice dentre as manifestações apresentadas, muito utilizado nas aulas 1, 2, 4 e 5 conforme tabela 3. As crianças utilizam de palavrões ou de outras palavras que remetem ao gênero (“sua puta”, “menininha”); características físicas (“gorda”, “bundinha”); características psicológicas (“burro”, “idiota”) e falta de habilidades para atividades propostas (“molenga”, “fracote”).

Tabela 4: Agressividade Direta, Indireta.

		Direta Verbal	Xig.	Ap.	Am.	Caç.	Direta Física	S\Tp	Cht.	Emp.	Pux.	Indireta
R1	H		1	0	0	3		0	1	2	0	0
	M		1	0	0	0		0	0	1	0	0
R2	H		5	2	1	6		0	2	0	0	1
	M		2	0	1	0		2	0	1	1	0
R3	H		0	0	0	1		0	0	0	0	0
	M		0	0	0	1		0	0	0	0	0
R4	H		7	0	1	1		0	0	1	0	0
	M		3	0	1	0		0	0	0	0	0
R5	H		1	0	1	7		0	0	1	0	1
	M		0	0	0	0		0	1	1	0	0
R6	H		0	0	0	0		0	0	0	0	0
	M		0	1	0	0		1	0	0	0	0
R7	H		0	0	0	0		0	0	0	0	0
	M		0	0	0	0		0	0	0	0	0
R8	H		0	0	0	1		0	0	1	0	0
	M		0	0	0	0		0	0	0	0	0
R9	H		1	0	0	0		0	0	0	0	0
	M		0	0	0	0		0	0	0	0	0
R10	H		1	0	1	0		1	1	1	0	1
	M		0	0	0	0		0	0	0	0	0
R11	H		1	0	0	0		1	0	1	0	0
	M		0	0	0	0		0	0	0	0	0
Total	H		17	2	4	19		2	3	6	0	3 g. 42
	M		6	1	2	1		3	1	3	0	0 17

Legenda:

Direta Verbal: Xing. – Xingamento; Ap.- Apelidar; Am.- Ameaçar;Caç.- Caçoar.

Direta Física: S\Tp . - Soco\Tapa; Cht. – Chute; Emp. – Empurrar; Pux. – Puxação.

Direto Física:

Dentre a agressividade física as formas mais utilizadas foram os socos, tapas, chutes, empurrões e puxões em maior proporção pelos meninos do que pelas meninas. Quando agredem fisicamente as meninas, elas se utilizam mais de empurrões e puxões de cabelo, por exemplo. Já os meninos utilizam de maneira igual todas as formas observadas.

As manifestações diretas físicas foram muito utilizadas nas aulas 1, 2, 5 e 10 conforme tabela 4.

Direto: Verbal e Física:

Nos relatórios de observações 2, 4, 5 e 8, nessas aulas. As agressões tiveram reações agressivas como forma de revide também. *“Menina chuta menino nas nádegas que reage jogando pedrinhas e que vai reclamar com o professor.” (diário de campo, observação aula 5).*

Foi também observado a exemplo do relatório 1, 2 e 10 que ocorreu uma combinação de ações agressiva direta verbal e física como, por exemplo, um menino xinga e chuta uma menina. *“Em uma outra rodada, o mesmo menino que “tirou sarro” do outro xinga uma menina de chata que estava indo bem na atividade e a chuta.” (diário de campo, observação aula 1).*

Indireto (Ação Sob Objeto):

Foram observadas poucas ações de âmbito de agressividade indireta. Um episódio ocorreu com um aluno chutando o boné do outro na aula 2, uma criança que jogou a bola no outro na aula 10 e outro aluno que jogou pedrinhas em um menino e depois em uma menina na aula 5. Todas essas ações foram feitas por meninos.

Episódios Agressivos: Reações da vítima:

Durante a análise, foram observadas também as atitudes das vítimas em relação à ação agressiva ocorrida. Primeiramente foram observados três tipos de reação da vítima, onde classificação é mostrada na tabela 5: Não reação ou ignorou a ação agressiva; auto-exclusão ou se reprimiu na atividade onde ocorreu o episódio e ou nas atividades posteriores. A reação ativa da vítima, ou seja, de revide é mais detalhada na tabela 6, onde há as várias formas de reação.

Tabela 5: Reação da Vítima.

		Não Reagiu\Ignorou	Reagiu	Excluiu\Reprimiu
R1	H	1	0	2
	M	1	0	2
R2	H	2	3	2
	M	2	3	4
R3	H	0	0	0
	M	0	0	1
R4	H	2	1	0
	M	3	0	2
R5	H	0	3	0
	M	1	0	5
R6	H	1	0	0
	M	0	0	0
R7	H	0	0	0
	M	0	0	0
R8	H	0	1	0
	M	0	0	1
R9	H	0	0	0
	M	1	0	1
R10	H	0	1	0
	M	0	1	0
R11	H	0	1	0
	M	0	1	0
Total	H	6	10	4 g. 20
	M	8	4	16 28

Dentre as reações agressivas das vítimas é notável que a maioria seja manifestada por meninos e as meninas tendem a se excluir da atividade. A tabela 6, ilustra as diferentes reações das vítimas, as mais utilizadas foram reagir retalhando o agressor xingando ou ameaçando

(agressividade verbal); pedindo para o agressor parar com a ação; procurando ajuda de um professor ou estagiária para resolver o conflito; chutar, empurrar, socar o agressor (agressividade física), ou mesmo utilizar a agressividade indireta como maneira de reação.

Tabela 6: Reação da Vítima de maneira ativa, reveide.

		Verbal	Xing.	Am.	P.p	F.p	Física	S\Tp.	Cht.	Emp.	Indireto
R1	H		0	0	0	0		0	0	0	0
	M		0	0	0	0		0	0	0	0
R2	H		1	1	0	0		1	0	0	0
	M		1	0	0	0		0	0	0	0
R3	H		0	0	0	0		0	0	0	0
	M		0	0	0	0		0	0	0	0
R4	H		0	0	0	0		0	0	1	0
	M		0	0	0	0		0	0	0	0
R5	H		0	0	1	1		0	0	0	0
	M		0	0	0	0		0	0	0	0
R6	H		0	0	0	0		0	0	0	0
	M		0	0	1	1		0	0	0	0
R7	H		0	0	0	0		0	0	0	0
	M		0	0	0	0		0	0	0	0
R8	H		0	0	1	0		0	0	0	0
	M		0	0	0	0		0	0	0	0
R9	H		0	0	0	0		0	0	0	0
	M		0	0	0	0		0	0	0	0
R10	H		0	0	0	0		0	0	1	0
	M		0	0	0	1		0	0	0	0
R11	H		0	0	0	0		0	1	1	0
	M		0	0	0	0		0	0	0	0
Total	H		1	1	2	1		1	1	3	1 g.11
	M		1	0	1	2		0	0	0	04

Legenda:

Verbal: Xing. – Xingamento; Am. - Ameaçar; P.p – Pediu para parar; F.p – Falou com professor.

Física: S\Tp. - Soco\Tapa; Cht. – Chute; Emp. – Empurrar.

Ação Criança & Criança:

Conforme tabela número 7 e 8, relacionando a ação agressiva e a reação da vítima demonstra, as meninas são ligeiramente menos agressivas que os meninos e quando são agressivas utilizam-se normalmente da maneira verbal mais do que física. A vítima menina se exclui mais do que o menino. Entre as vítimas que não reagem ou ignoram o fato, o número é o mesmo, independente do gênero da vítima. Os meninos são mais agressivos e utilizam mais da agressividade física. Quando vítimas tendem também a reagir agressivamente.

4.2. Análises das Entrevistas

As análises foram feitas a partir das transcrições das entrevistas gravadas em áudio, aos quais cinco funcionários da instituição, a saber: professor de educação física, professora pedagoga, orientadora pedagógica, psicólogo e diretora responderam. As questões são semi-estruturadas dando a oportunidade de o entrevistado discorrer sua resposta de maneira mais detalhada.

Análise questão 1: O que você entende por agressão?

Das cinco entrevistas realizadas, todos os entrevistados responderam que entendem a agressão como uma maneira de reação espontânea frente a uma situação que não concorda ou não conhece e se sente mal.

“Eu acredito que agressão é uma maneira que a criança ou a pessoa, o indivíduo de reagir a uma situação principalmente quando ele não concorda com essa situação”. (Diretora)

“Agressão é a maneira mais fácil e rápida de resolver alguns problemas, algumas dificuldades que a criança pode apresentar em algumas situações”. (Prof. Ed. Física)

Partindo do princípio de que a agressividade é inata do ser humano, segundo Freud em *Mal Estar da Civilização* (1930) existe duas forças que movem o ser humano: Eros (instinto de vida,

amor, construção) e Tanatos (morte, agressividade, destruição). A partir do momento em que seus impulsos precisam ser controlados para viver em sociedade, a sua manifestação pode vir ocorrer ou não, dependendo da sociedade educá-la a não expressá-la de maneira destrutiva. Para Freud (1930 in VILHENA 2002 p.33):

é a sociedade que gera, mas que também restringe, a expressão da agressividade individual, mesmo que jamais a extinga.(...) o superego seria instância que conformaria o homem a se submeter a uma lei internalizada através dos mecanismos de identificação e introjeção.

Há, de acordo com a referência, a influência da sociedade na agressividade da criança. Winnicott (2000). A falha do ambiente em que a criança vive em não suportar seu papel de contendor dos impulsos agressivos desencadeia uma tendência anti-social que pode a vir ser transformada em destrutividade e violência na sociedade.

Assim, a violência e a negação do outro como consciente se propagam pela sociedade banalizando a vida. A educação que poderia contribuir para a construção de uma sociedade biófila recebeu como herança o autoritarismo nas relações intraescolares e na prática pedagógica. (...)Se a escola reflete as relações sociais das informações sócio-políticas, ela também produz culturais relacionais que se propagam pela sociedade. A violência na escola, tanto pode ser produzida na própria escola, como reflexo das relações pedagógicas, quanto pode espelhar a violência que é impetrada a sociedade civil pelas instituições políticas. (MESQUITA, 2008 p.12).

Dois de cinco entrevistados na resposta da primeira pergunta apontaram para essa influência. *“eu acho que a gente passa por uma crise de valores muito grande, e essa crise de valores me parece muitas vezes esquecida, porque vejo algumas pessoas, aquilo que as crianças vivem na escola, nos professores se portarem, na maneira do consumo, do imediatismo das coisas, no individualismo, que levam a agressão”*. (Psicólogo).

“e a criança tem um tudo imediatismo ela reage aquilo porque houve uma agressão, às vezes nem é intencional, mas é uma agressão”. (Pedg.)

Ainda na resposta a essa questão foram apontados os diversos tipos de agressão, que são: física, verbal e moral.

“seja ela verbal, seja ela que incomoda, sentindo mal, é uma agressão, seja tapa, seja palavra alta”. (Pedg.)

Podemos relacionar a agressividade moral, utilizada por um entrevistado com a relacional que tem como objetivos sociais no estabelecimento dos relacionamentos. As agressividades relacionais são as dissimulações e outras ações que visam diminuir a aceitação de uma determinada pessoa naquela rede social ou realizando algo que diminua ou a prejudique seu status geral.

Portanto verificou-se com essa questão o conhecimento sobre o tema agressividade e a identificação de seus diversos tipos, apontando também já na primeira questão os fatores que podem influenciar esse tipo de comportamento.

Análise questão 2: Agressividade é manifestada pelos alunos desta instituição? Quais são os tipos manifestados?

Dentre os entrevistados, todos responderam que há sim manifestações agressivas dentro da instituição, identificando essa realidade como compreensível de se manifestar neste ambiente que pertence a uma sociedade onde sua manifestação está em todos os lugares e faz parte do cotidiano.

“A agressividade hoje em dia está presente em todos os lugares, então todo lugar você vê formas de agressividade, então é lógico aqui ela é sim manifestada sim.” (Orient. Pedg.).

“A agressividade é manifestada sim aqui como qualquer lugar, não tem diferença nenhuma, o que faz diferença são quanto às instituições que a mais importante é a família sem dúvida, que é a primeira dessas instituições então tudo o que foi implantado, todo o cuidado vai ser manifestado na segunda instituição que é a escola segunda estrutura.” (Psicólogo).

Quanto aos tipos foi levantado principalmente o físico: tapas, empurrões e chutes; e verbal: xingamento. Além destes a agressividade moral/relacional foi relatada por dois dos entrevistados.

“A agressividade é sim manifestada pelos alunos aqui do X, acho que os mais comuns são alguns embates que acontecem durante, por exemplo, num jogo de futebol”. (Prof. Ed. Física)

“Os tipos apresentados são nas crianças são as vias de fatos, tapas, empurrões, e nos adultos é mais uma palavra por conta da situação.” (Diretora)

Foi ainda apontada pelo psicólogo entrevistado a diferença entre agressividade e agressão sob olhar psicológico que remete a nossa bibliografia pesquisada. Bem como também foi citado pela orientadora pedagógica que há diferença entre agressão e violência. Segundo Costa (apud VILHENA, 2002), o que caracteriza a violência é o desejo de causar mal, humilhar, de destruir e fazer sofrer o outro. É uma intenção de destruir. Já um ato agressivo é uma resistência do Eu tentando marcar seus contornos identitários justamente quando um objeto ameaça o seu lugar, ou uma mensagem a esse objeto (o outro). O ato agressivo é um reconhecimento e endereçamento de uma mensagem para o seu meio, seja a família, escola, comunidade. O ato violento não tem esse vínculo social.

“Eu preciso fazer uma diferença ainda do que eu entendo por agressão e por agressividade. Eu faço uma diferença muito grande. Agressividade é estrutura, você cria condições favoráveis para o ser humano enfrentar qualquer adversidade que encontre como disse antes, que o ser humano parece sempre buscar viver a felicidade a todo custo, a todo o momento. Isso é impossível no ser humano. Então parece que a agressividade exatamente estrutura, diante dessa fragilidade a agressividade, diante de qualquer frustração eu acabo ficando nervoso irritado. Então a agressividade parece à fragilidade dessa estrutura, então agressão é a função dos valores e a agressividade estrutura é essa fragilidade psicológica e o fortalecimento dessa estrutura que faz com que a criança não se torne agressiva ou violenta.” (Psicólogo).

Portanto nesta questão podemos identificar que há um conhecimento da teoria da violência e agressão e sua compreensão, mas têm se uma dificuldade em explicar claramente esses conceitos. Houve uma coerência de identificação dos tipos de agressões manifestados, montando um perfil comum.

Análise questão 3: Como você avalia a estrutura escolar dessa instituição em relação ao favorecimento ou não das manifestações agressivas pelos alunos.

Dos cinco entrevistados, quatro deles concordaram que a estrutura da instituição favorece a manifestação agressiva no sentido de ser um ensino não-formal, em que há mais abertura na pedagogia tanto do professor, quanto do aluno ter mais liberdade de expressão. Sobre a questão do

convívio em grupo heterogêneo favorecer a agressividade, todos concordaram que a criança a partir dessa estrutura vai aprender a conviver com as diferenças, mas que inicialmente, para esse desenvolvimento, esse fator é um meio de possibilidade de favorecimento da agressividade. Ressaltaram o psicólogo e a pedagoga, também o papel do professor de favorecer ou não a agressividade do aluno.

“Acho que favorece. A estrutura da escola favorece o trabalho que inibe a agressividade Talvez não seja o melhor caminho, mas favorece, tem um trabalho tem uma abertura nas oficinas que ela pode falar se expressar, com todas as idades é com a diferença, mas os quatro grupos e tem desde criança de primeira serie até a quarta series. Tem agora os mais pequeninos. Existe uma diferenca de faixa etária essa coerência dessa abertura que a criança se manifesta, que ela mesma construa.” (Pedg.).

“A estrutura de ensino não-formal por não ser conteúdista, tem abertura; a gente tem mais liberdade de trabalho, de ação e trabalhar mais com as brincadeiras, às vezes a gente propicia com que a criança manifeste mais reações agressivas, mesmo porque está num espaço mais aberto, que ela está fazendo atividades que ela convive com outras pessoas, ela está num ambiente com mais pessoas ela não está isolada, com atividades individuais, na maior parte a criança está fazendo atividades no coletivo e aí que a criança vai manifestar mesmo a sua agressividade, porque vai ter que ai aprender a convivência...” (Orient. Pedg.).

Nesta questão foi analisado o caráter de como a pedagogia e a prática de ensino não-formal influencia nesse comportamento. A resposta apresentada foi clara em mostrar que a prática de desenvolver aulas com grupo heterogêneo favorece o desenvolvimento inicial da agressividade, mas que isso depois se altera, pois amplia desde o início o aprendizado de convivência com o diferente, desenvolvendo melhor sua capacidade de se adequar e harmonizar em sociedade.

Análise Questão 4: Você acredita que haja diferenças nos tipos de agressividade manifestados na educação não-formal em relação à formal?

Nesta questão inicialmente verificamos que apenas um entrevistado respondeu que sim, que há diferenças na agressividade manifestada entre os dois ensinos, porém podemos concluir analisando o discurso de todos que há manifestações agressivas tanto no ensino formal quanto no não formal, mas

a maneira com que são tratadas, trabalhadas pelo grupo de profissionais é diferente decorrente da proposta pedagógica da instituição bem como o recurso de ter um psicólogo atuando ativamente no caso da presente instituição de ensino não formal, o que não é comum nas escolas regulares.

“Acho que não tem muita diferença não, criança é criança aqui na educação não-formal como na formal. O que pode variar é algum tipo de agressão, mas ela acontece da mesma forma.” (Prof.Ed. Física).

“Manifestações agressivas diferentes eu acho que não, mas a maneira que é trabalhada, que reage a isso sim, a nossa estrutura enquanto ensino não-formal propicia que pare a atividade naquele momento, e que retome com a criança e as vezes que até repreenda a criança sim, mas que seja retomado isso, mas que a nossa função é auxiliar a criança refletir sobre isso.” (Orient. Pedg.).

Análise questão 5: Como você trabalha isso em seu cotidiano, em suas aulas, no seu relacionamento com os alunos?

Dentre os entrevistados, foram abordadas diversas maneiras de se trabalhar dentro do seu papel na instituição. Embora ambos os professores colocassem a questão da conversa com o aluno como maneira de se trabalhar no seu cotidiano, o cuidado em refletir e buscar a não exclusão foi abordado somente por um professor, pelo psicólogo e orientador pedagógico.

As formas destacadas de se trabalhar foram: favorecer o potencial de todos; minimizar a exclusão do aluno, se possível a não exclusão; conversar e refletir sobre o ato com os alunos envolvidos; tomar postura não agressiva diante do ato. A boa formação dos profissionais, e a pesquisa sobre o assunto, incentivando os profissionais foram destacados pelo psicólogo da instituição como maneira de lidar com esse tema.

“As atividades são sempre favorecendo o potencial de cada um, independente da faixa etária, então você coloca o colchão pra fazer um rolamento, o menorzinho tem a mesma condição ali esta favorecendo para o maiorzinho não machuque, menor não machuque o maior e cada um vai trabalhando isso, cada um vai apontando, aparecendo dentro colocando seu potencial, não existe uma atividade em que em o menor não vai fazer mostrando sua diferença, um só um apareça, são propostas atividades em que cada um possa demonstrar seu potencial. Eu acho que é se ela acontece em grupo à gente faz uma reflexão para resolver a manifestação no grupo, se elas

acontecem individuais a gente vê se aquele aluno é necessário ter uma conversa individual, ou que se reflita mais sozinho a gente também tem esse espaço, chama os pais ou chama individual, a gente reflete isso por isso sempre trabalhamos em dois ou três professores ou estagiário, a gente tem uma condição muito maior para que a gente não deixe que ninguém fique de fora, independente do que tenha acontecido da ação, da contrariedade, da agressão...” (Pedg.).

“Acho que o mais importante nesse momento é acolher a pessoa que está vivendo esse momento difícil. Eu acho que a pessoa que é agressiva ela vive já nesse cotidiano, ela recebe muito também, então quanto mais receber essa agressão com tranquilidade, ir pontuando mostrando que ela não precisa fazer isso dessa forma, que pode fazer isso de outra maneira, que ela tem direito de questionar a situação, de reclamar da situação mais existe outras maneiras de reclamar da situação sem ser de uma maneira agressiva.” (Diretora).

“... o que nós trabalhamos e não sou eu não somente eu mais toda equipe técnica é a reflexão sobre o ato. Então vamos refletir sobre o porquê foi feito aquilo e se tinha outra forma de reagir do que aquela. Primeiro passo antes de tudo é esperar a criança se acalmar, dar um tempo para ela se acalmar primeiro depois conversar porque não adianta conversar no momento que esta pegando fogo ela só vai falar mal então espera ela se acalmar e a gente conversa. Aí se necessário, se extrapolou o campo da agressividade e foi para violência à gente vai chamar os pais para compartilhar isso também e acompanhar sempre essa criança, e tem casos também que a gente consegue a não intervenção, também tem que deixar a criança às vezes aprender resolver seus problemas entre elas, se toda hora você interfere você não deixa a criança desenvolver o crescimento dela, que é ali aprender na convivência conversando entre elas que vai resolver.” (Orient. Pedg.).

Análise da questão 6: Que fatores você considera que influenciam a agressividade nos alunos?

Nesta questão observamos que todos os entrevistados colocaram a família e o viver na sociedade, principalmente a atual, como fatores que influenciam a agressividade nos alunos. Dois dos entrevistados colocaram que um fator que influencia também são as diferenças individuais e também foi abordada a questão da agressividade ser inata no ser humano por dois entrevistados. Essas opiniões vão ao encontro de autores Freud, (1930), Maia (2001) e Winnicott (2005) estudados na pesquisa.

A agressividade e o comportamento anti-social estão ligados à privação de seus instintos não recompensada no seio familiar, tornando-se ações anti-sociais para buscar um limite, ajuda, para falar dela mesma.

Posto que a criança tenha procurado o limite para o seu gesto agressivo e não terá encontrado nem o corpo da mãe, nem em seus braços, nem no relacionamento dos pais, nem no lar, nem na família, nem na escola, mas às vezes somente no bairro com sua delegacia os limites para este gesto e, talvez, assim, alguma significação para ele. Da mesma forma, a agressividade, que era motilidade e gesto espontâneo, transmudou em agressividade com intencionalidade e em destrutividade e violência por falta de acolhimento. (MAIA, 2002, p.46)

O desenvolvimento da criança é um processo permanentemente interligado com a ação do ambiente facilitador.

Vemos, portanto que o ato agressivo é um pedido de socorro, uma comunicação de emergência que a criança se utiliza; e a escola tem em seu papel o caráter de saber ouvir este pedido e saber agir, oferecendo a ela a segurança que tanto busca para ter uma estabilidade externa que tranqüilizará o processo interno em construção.

“As diferenças individuais que fazem parte, são normais, acho que esse dois fatores da criança vivem hoje de ter uma vida adulta e essa estrutura ou desestrutura familiar que temos que ponderar.” (Pedg.).

“A agressividade como estávamos antes conversando, está presente no ser humano... a televisão os programas estão muitos violentos, a família, a maneira que você é educado, a maneira que você vê seu pai reagindo no trânsito, reagindo diante de outras pessoas, num jogo de futebol. Principalmente as meninas agora, que estão mais interessadas no esporte. Acho que são diversos fatores, mas você viver em sociedade que dispõem à agressividade.” (Orient.Pedg.).

Análise Geral das Questões:

Conforme analisado, dentre os entrevistados houve uma concordância maior nas primeiras questões mais gerais, mostrando uma visão homogênea favorecendo a identificação e uma linha de abordagem uniforme na instituição. Entretanto na questão que aborda como o profissional lida com a agressividade em seu cotidiano, houve diversas abordagens caracterizando a função de cada um

dentro da instituição, porém entre os professores houve uma diferenciação na abordagem e ainda o discurso de um profissional não foi coerente com a observação da sua atuação na oficina. É notável o número grande de vezes que eles ignoram os episódios agressivos ou não reagem, mesmo quando solicitado pelos alunos muitas vezes, só reparam o agressor sem maior desenvolvimento de uma ação mais efetiva pedagógica. Há de fato manifestações agressivas na instituição que se diferem quanto à maneira como é trabalhada em relação ao ensino formal. Visto que a instituição é organizada em classes multietárias que favorecem o trabalho em grupo com pessoas diferentes, partindo de idades diferentes, em diferentes estágios de desenvolvimento além de diferenças sócio-culturais.

A família e a sociedade são os principais fatores apontados por todos entrevistados como influenciadores da agressividade.

As crianças precisam de autoridades que as orientem e tranquilizem. Porém nos dias de hoje, muitos pais não vêm em suas funções paterna e materna essa responsabilidade.

Os pais falham nas suas funções no período em que a criança está na dependência absoluta e posteriormente relativa quando deve ser sustentada pelo pai e pela mãe; ela está tendo que assumir, muito cedo, a responsabilidade pelos seus atos, “entendendo-se responsabilidade um se responsabilizar infantil e onipotente, pela falta de alguém que deveria estar lá, suficientemente forte, para conter a intrusão do meio e não está, ou está fragilizado, com medo de ser ou fazer o que tem de ser feito.” (WINNICOTT, 2005). Temos pais com medos de serem pais perpetuando um narcisismo infantil, não se instaurando um princípio de realidade de forma efetiva nesta infância. Em decorrência disso podemos dizer que a nossa sociedade vive um fenômeno de adultescência, em que adultos tem posturas adolescentes e uma criança que não vive sua infância e não se desenvolve de maneira integral.

O principal tipo de agressividade verbal é o xingamento e dentre a agressividade física os empurrões e socos. Foram apontadas principalmente pela orientadora pedagógica e psicólogo opiniões que remetem aos autores pesquisados como Freud (1930) e Winnicott (2005) mostrando a influência destes como recurso para uma abordagem pedagógica bem como na formação dos entrevistados, favorecendo uma qualidade pedagógica, estruturando para que de fato, pelo viés de capacitação de profissionais um ambiente com recursos para lidar com essa questão possa ser formado.

7 Análise geral dos resultados Obtidos.

Os resultados obtidos tanto nas observações como nas entrevistas mostrou que há agressividade no ensino não-formal de ensino. A postura do professor se mostrou essencial para o favorecimento ou não da sua manifestação bem como ter uma boa formação e recursos na instituição para apoiá-lo e buscar a resolução da agressividade.

As diferenças entre os gêneros foram bem marcadas atribuindo para os meninos um comportamento mais agressivo do que as meninas. Estas quando o fazem utilizam mais a agressividade verbal. Este comportamento se mostrou influenciado pelas posturas do professor e professora, que são modelos de comportamento para criança nessa faixa etária assim como seus pais. A reação da vítima mostrou que normalmente a menina reage de forma não-agressiva, se excluindo, por exemplo, e o menino normalmente já reage com agressividade também.

Nas aulas em que houve mais atividades mais comportamentos agressivos foram observados uma vez que o conteúdo é passado de maneira rápida, sem ter desenvolvido plenamente a atividade. A instituição mostrou que em sua pedagogia há uma preocupação em trabalhar esse tema de modo, "a saber," ajudar o aluno no seu processo de desenvolvimento mas que na prática, há diversos fatores que interferem ou que influenciam esta criança.

A família e sua estrutura ou desestrutura atual é um fator de maior relevância quanto a favorecer a agressividade da criança. Como a criança aprende tendo os pais como os primeiros modelos de comportamentos e a família seu primeiro núcleo de formação, é a partir desta formação inicial que a criança se desenvolve. Sua característica nata de agressividade pode por meio de esse ambiente propício despontar.

A sociedade moderna, com seus valores atuais de imediatismo, individualismo e competitividade extrema, junto com a mídia que explora a violência no conteúdo da sua programação, influenciam a criança que está se desenvolvendo em favorecer sua agressividade.

A escola e as instituições de ensino sejam elas formais ou informais, se vêem fazendo parte desta sociedade acolhendo essas crianças que tem essa realidade dentro do seu cotidiano familiar e comunitário. Portanto, esta sociedade violenta, individualista, onde a desestrutura familiar faz parte do cotidiano e a infância não é mais respeitada como deveria ser pela comunidade e pelos pais, deixa

a criança carente de recursos para conseguir se desenvolver e à escola cabe preencher esta lacuna. Por isso este tema é de grande relevância e cabe ao profissional da educação, inclusive o professor de educação física estar preparado e ter o cuidado em observar melhor seu grupo de alunos de maneira que possa agir eficazmente frente a qualquer situação de manifestação agressiva.

8 Considerações Finais

Ao ensino Não-Formal se faz uma alternativa de uma pedagogia mais aberta, com mais recursos e com mais diálogo entre professor e aluno onde a criança possa se desenvolver e ao professor se permita pausar sua finalidade conteúdista para exercitar plenamente seu papel de educador. Há neste ensino uma intencionalidade na ação, no ato de participar, de aprender e de transmitir ou trocar saberes, valorizando a cultura da criança.. Cabe mais estudos sob essa área de ensino que não somente é um lugar onde se complementa a educação do ensino formal, mas sim é também um espaço de aprendizado mais amplo, onde se desenvolve saberes que orientam práticas sociais, de construção de novos valores, como a participação de coletivos de pessoas diferentes com metas iguais.

O papel do professor, em especial de educação física se mostrou decisivo para, a partir de uma manifestação agressiva, saber trabalhar o contexto ocorrido. Por meio inicialmente de uma boa conversa e depois buscando nos recursos pedagógicos que a sua formação lhe fornece, o professor de educação física poderá ilustrar de maneira figurativa por meio, por exemplo, nos jogos, utilizando os corpos das crianças para vivenciar novas formas de se lidar com a sua raiva, frustração, agressividade. Por meio dessa nova educação pelo corpo, a criança espalhará o novo conhecimento de saber lidar com sua agressividade em toda dimensão do seu eu, de sua pessoa. Afinal, *“O brincar, baseado como é na aceitação de símbolos, contém possibilidades infinitas. Torna a criança capaz de experimentar tudo o que se encontra em sua íntima realidade psíquica pessoal, que é à base do sentimento de identidade em desenvolvimento. Tanto haverá agressividade como amor.”* (WINNICOTT, 1999, P. 107).

Cabe também ao professor de educação física, ser exemplo de conduta uma vez que seus alunos, principalmente aqueles do mesmo gênero que ele, utilizará como exemplo de postura e imitação muitas vezes por não terem modelo a ser imitados dentro de sua família.

A família e a toda relação do ser humano deve ser trabalhada em se desenvolver sua capacidade de usar sua pulsão agressiva, inata do seu ser de maneira a sublimá-la. Resgatar os papéis dos pais e estruturar um ambiente favorável ao desenvolvimento saudável de seus filhos.

Enfim, precisamos, a exemplo de Paulo Freire, defender a admissão de um corpo consciente contra a inércia, a reprodução, o conformismo. Defender o diálogo e a amorosidade como antídotos

contra violência. Devemos nós, educadores apropriarmos de toda extensão do nosso papel e exercê-lo com plena capacidade e amor. Não somente no âmbito escolar mais em toda sociedade. Se a agressividade e a violência estão presentes hoje no nosso dia-a dia de maneira exarcebada, devemos romper esse ciclo a começar na educação de nossas crianças.

Assim, com certeza as crianças agradecerão não somente hoje, mas no por vir de sua história.

Referências

ABRAMOVAY, M. “*Escola e violência*”. Brasília: UNESCO, UCB, 2003.

AFONSO, A.J. “*Sociologia da educação não-escolar: reatualizar um objecto ou construir uma nova problemática?*”, in A.J.Esteves, A Sociologia na escola – Professores, educação e desenvolvimento, biblioteca das Ciências do Homem. Porto: Afrontamento, 1989.

FERRARI, D.C.A., VECINA, T.C.C., “*O Fim do Silêncio na Violência Familiar: teoria e pratica*”. São Paulo: Ágora, 2002.

FREUD, Sigmund (1974). “*O mal estar na civilização*”. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Freud. Rio de Janeiro: Imago. Texto produzido entre 1929-1930.

GOHN, M.G. “*Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas*”. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006

MATTOS, M.G. “*Teoria e prática da metodologia da pesquisa em educação física: Construindo seu trabalho acadêmico: monografia, artigo científico e projeto de ação*”. São Paulo, SP: Phorte, 2004.

MESQUITA, P. “*Esse é o meu corpo: Corpo, violência, Educação à luz do Pensamento libertário de Paulo Freire*”. VIII Congresso Nacional de Educação – EDUCARE,2008.Não Publicado.

MOSER, G. “*A Agressão*”. São Paulo, SP: Editora Ática, 1991.

OLIVEIRA, F.F. & VOLTRE, S.J. “*Bullying nas aulas de educação física*”. In Revista Movimento, Porto Alegre, RS. v.12n. 02 p. 173-197 maio/agosto de 2006.

PINTO, G. Costa (editora) “*Donald W. Winnicott: Os sentidos da realidade*”. In Revista Memória da Psicanálise. São Paulo, SP: Ediouro, 2009.

SAMULSKI, D. “*Agressão no Esporte*”. Barueri, SP: Ed. Manole 2002.

SHAFFER, David R. “*Psicologia do desenvolvimento: Infância e Adolescência*”. Trad. Cíntia R.P. Cancissu. São Paulo. Pioneira Thomson Learning, 2005.

SIMON O. R. M. S, PARK M. B. & FERNANDES R.S, (org.) “*Educação não-formal: cenários da criação*”. Campinas, SP: Editora da Unicamp, Centro de Memória, 2001.

SISTO, “*Aceitação-Rejeição para estudar e agressividade na escola*”. Psicologia em estudo, Maringá, v.10, n1, p.117-125 jan./abr. 2005. THOMAS, J.R. “*Métodos de pesquisa em atividade física*”. Porto Alegre RS: Artmed, 2002.

VILHENA, J. & MAIA, M.V.C.M. “*Agressividade e Violência reflexões acerca do comportamento anti-social e sua inscrição na cultura contemporânea*”. In Revista Mal-estar e Subjetividade. Fortaleza CE. Vol.II, n.2, p.27-58. Set.2002.

WINNICOTT, D.W. “*Explorações Psicanalíticas*”. Trad. José O.A. Abreu. Porto Alegre RS. Artmed, 1994.

WINNICOTT, D.W. “*Privação e delinqüência*”. Trad. Álvaro Cabral. 4ªEd. São Paulo. SP: Martins Fontes, 2005.

WINNICOTT, D.W. “*Tudo Começa em Casa*”. SP: Martins Fontes, 1999 b.

ANEXOS

A seguir estão anexados os relatórios de observações feitas durante as oficinas observadas totalizando onze relatórios. Nelas estão descritas as data; quantidade de alunos e professores; o local onde foram realizadas as oficinas; as atividades propostas na ordem de execução e seu desenvolvimento; as manifestações agressivas e seu contexto observado. Foram transcritas inicialmente em um diário de bordo, visando escrever com total imparcialidade e sem nenhuma interferência quanto aos fatos observados durante a Oficina do Movimento.

Em seguida estão anexados as transcrições das entrevistas realizadas ordenado as conforme as seqüências das perguntas feitas com questões semi-estruturadas e transcritas conforme a gravação de áudio descrito na metodologia.

ANEXO A: Relatório de Observações.

Relatório 1:

Data 02/09

Alunos: 16

Professores: Um professor de Educação física, uma professora pedagoga e uma estagiária.

Local: Área da frente das salas de aulas, cimentada, com algumas árvores ao redor.

Professor responsável me apresenta aos alunos como aluna da universidade, que estarei observando a aula para uma pesquisa da mesma. Que irei anotar o que eles fazem na aula e que não é pra conversar comigo durante a aula, somente depois, se quiserem. Que então estarei indo lá toda semana e que é pra eles se comportarem.

O professor coloca que farão atividades lúdicas, no ritmo da música, sem violência, e a professora pedagoga enfatiza para mim que estão trabalhando “brincando com as crianças”, trabalhando a cooperação entre eles. A estagiária fica então do meu lado e começa a prestar atenção do que eu escrevo, e pergunta o que estou anotando e eu respondo que anotarei as atividades e como as crianças se comportam durante a oficina. Ela então liga o som e começa a atividade.

Atividade 1: Vivo Morto, sem exclusão.

Dispostos em fileira todos os alunos ficam de frente pro professor que começa a atividade, vivo morto, bicudinho, bicudão, careca, cabeludo, panela de pressão, quem não imita-lo, perde e irá para ao lado do professor, depois quem imitar os gestos do professor ao invés de fazer o que ele fala, também irá para ao lado do professor.

1. Uma menina então, cansada da atividade, reclama com o professor e grita que não quer fazer a atividade, o professor então responde grosso que “parece velha”, “reclamona”, ela então fica quieta, sai da atividade e fica perto da professora e de mim. A Professora e a estagiária ignoram a criança e ficam conversando entre si.
2. A brincadeira continua e quando termina a primeira rodada da atividade os finalistas são duas crianças, um menino e uma menina. Quem acaba ganhando é a menina, aí um menino começa a “tirar sarro” do menino que perdeu, falando bravo que perdeu de menina, porque é devagar. “Pô

moleque, você é muito devagar, perdeu pra x, que é menina, fracote.” O menino ofendido não tem nenhuma reação na hora, mas nas outras atividades começa a se importar mais em vencer das meninas sendo mais brusco com elas e prestando atenção como elas fazem. O professor responsável ignora o fato e a professora pedagoga fala quão menino “que não tem nada haver perder pra menina, que não é vergonha nenhuma”, mas o menino vira às costas e ignora a professora.

3. Em outra rodada, o mesmo menino que “tirou sarro” do outro xinga uma menina de chata que estava indo bem na atividade e a chuta. A menina se afasta dele e começa a desconcentrar da atividade. Os professores e estagiária ignoram o fato.
4. Uma menina empurra a outra durante a atividade para ficar no seu lugar sem nenhum motivo aparente. Como a outra menina é menor e mais fraca, nem reage, e dá o lugar. Professores e estagiária ignoram o fato.
5. Menino empurra “a menina chata”, que apesar de se afastar dele também continua a atividade, ele então irritado sai da atividade e se exclui do grupo, ficando bem afastado do grupo. A estagiária aponta para os professores que ele se afastou e o Professor diz a ela pra deixar quieto. A professora e a estagiária assim o fazem.
6. O Professor então começa a ironizar as crianças que reclamam de perder, “não sabe perder!”; “ta reclamando que nem bebê, que não sabe perder”.
7. Em uma nova rodada da brincadeira, um menino se exclui da atividade porque perdeu a segunda rodada e é ironizado pelos colegas da turma. A professora fala pra eles pararem com aquilo.

Atividade 2: Cadeira Humana (dança da cadeira humana includente)

1. No momento de sentar na cadeira humana, para conseguir se sentar três meninos empurram forte os outros que vão ao chão. A Professora fala que é pra tomar cuidado com o amiguinho, o Professor fala “Quanta agressividade no seu coração... tem que respeitar o outro” e seguem a brincadeira sem nenhuma atitude em relação ao fato.
2. O Professor ficou então preocupado quando viu que eu estava anotando os fatos e pediu então pra mim para eu ajuda-lo na atividade. Ajudei a controlar o som enquanto somente a estagiária foi ao banheiro, depois voltei ao meu diário de campo.
3. O professor terminou antes a atividade do tempo previsto. As crianças reclamaram, pois estavam gostando.

Atividade 3: Dança do Lamba Lu.

Nesta atividade não ocorreu ações agressivas.

Relatório 2:

Data: 11/09

Alunos: 18

Professores: Um professor de Educação física, uma professora pedagoga e uma estagiária.

Local: Área da frente das salas de aulas, cimentada, com algumas árvores ao redor.

No início das atividades estavam presentes a professora e a estagiaria, o professor chegou somente a partir da terceira atividade.

1. Ao iniciar a roda pra explicação das atividades do dia, uma aluna de 10 anos não queria ficar prestando atenção na professora, continuava conversando alto com as amigas e ignorando os pedidos da professora em ficar em silencio para explicação. A aluna se levantou do chão e com corpo inclinndo-se sobre a professora gritou que não queria ouvir. A professora então falou que iria imediatamente ligar para o seu pai ou que iria fazer um acordo com ela e em tom de ameaça falou a todos que se não conseguisse explicarem as atividades naquela hora todos iriam ficar sem o horário livre.

Atividade 1: Pega-pega corrente.

2. Logo no início da atividade, um menino e excluído da atividade, pois “Você esta dando muito trabalho, espere o Rogério chegar”. pela professora. O aluno então se exclui reclamando e dizendo que não queria mesmo brincar disso.
3. Menino fica chutando o boné do outro aluno que estava no chão de maneira bem agressiva. A professora e a estagiaria nada falam.
4. Estagiaria coloca um outro aluno ao meu lado sentado, porque estava atrapalhando a atividade. Ele da risada e mostra língua para a estagiaria. Ela não vê o gesto.
5. Menino fica gritando e atrapalhando as outras crianças na atividade, quebrando as regras, fazendo os outros se assustarem com os gritos ou mesmo tropeçando. Ele então e logo pega e ai

se exclui da turma e xinga a menina que o pegou de “Sua puta, caralho”. As professoras ignoram o fato.

6. Menino chacoteando uma menina chamando-a de “Sua bunda”.

Atividade 2: Pega americano

7. Menino grita com a menina para se mover, depois fala mal a menina de gorda. A menina se reprime na brincadeira e as professoras ignoram o fato.

Atividade 3: Pega Cor

8. Menino ameaça bater na menina para não ser pego por ela. A menina com medo vai pro outro lado do corredor de crianças. As professoras ignoram os fatos.
9. Menino chuta outra menina que nada faz (e menor que ele). As professoras não viram o fato.
10. Menino continua chacoteando a menina chamando de “Sua bundinha... sua franga!”.

Atividade 4: Toca do Leão (Ganha quem não for pego e só vale pegar um de cada vez)

11. Professor brinca junto com eles e fica atiçando o menino que é leão de “vem leão bravo”, pois não estava pegando ninguém, depois começa a ser agressivo na tentativa de pegar.
12. Menino chuta outro menino que reage xingando o agressor. A professora então chama atenção do menino que foi agredido somente.

Atividade 5: Fruta Madura (Todos de mãos dadas em roda, a fruta cai e todos têm que segurar).

13. Menino Fica “tirando sarro” do nariz da menina que fica quieta de cabeça baixa. Professores ignoram o fato.
14. Menino e menina ficam se xingando de “Seu bosta, sua vaca”. Os Professores ignoram.
15. Outra menina é xingada e se exclui da brincadeira senta e cruza perna e brancos e fica de cabeça baixa. Os professores ignoram o fato.
16. Meninas batem na coxa uma da outra e xingam-se. Professores ignoram o fato.
17. Menino xinga o outro de burro ele ignora. Professores ignoram os fatos.

Atividade 6: Bomba!

18. Menina empurra outra menina que reage xingando a outra de idiota e vai falar com a professora. A professora então fala para pararem com aquilo e a menina que iniciou empurrou a outra fica feliz de ser chamada à atenção.
19. Meninas ficam dando tapas e puxando o cabelo uma da outra. Os Professores ignoram.
20. Menino xinga o outro que reage ameaçando bater e depois da uma tapa nele. Professores ignoram o fato e depois encerram a aula.

Relatório 3:

Data 16/09

Alunos: 16

Professores: Um professor de Educação física, uma professora pedagoga e uma estagiária.

Local: Área da frente das salas de aulas, cimentada, com algumas árvores ao redor.

As Crianças escolheram três atividades dentre as quatro oferecidas (base 4, queimada com curinga e esconde-esconde).

1. Somente na atividade da queimada uma menina se excluiu por todo mundo falar pra ela que ela era ruim. Professores ignoraram o fato.

Relatório 4:

Data 23/09

Alunos: 17

Professores: Um professor de Educação física, uma professora pedagoga e uma estagiária.

Local: Área da frente das salas de aulas, cimentada, com algumas árvores ao redor.

Antes de iniciar as atividades a classe levou uma bronca em relação ao que eles aprontaram anteriormente a oficina.

Atividade 1: Os alunos em uma roda grande formam 2 equipes; com duas bolas, cada uma em cada ponta da roda, passa-se a bola. Vence a equipe que a bola chegar primeiro.

1. Menino xinga a menina de cabeçuda, burra por não passar a bola rápido, ela não reage. Os Professores ignoram o fato. (*)
2. Menina Xinga a outra de “mosca morta”. Ela não reage. Professores Ignoram o fato.
3. A menina é novamente xingada pela mesma pessoa de burra e cabeçuda, ela então reage retrucando ao menino que ele que é burro e cabeção, ao lado do professor que ignora o fato. (*)
4. A menina é novamente xingada (*) e sai da brincadeira tapando o rosto. Os Professores ignoram o fato.
5. Meninas xigam as outras de cavalas, por terem passado a bola de maneira brusca, elas não reagem. Professores ignoram o fato.
6. Menina e menino xigam, gritam e até ameaçam a mesma menina que errou toda hora, ela não reage no começo, mas depois cruza os braços, e se exclui da atividade. Professora então conversa com a turma explicando que não é certo aquele comportamento com a menina, e falam a todos para beber água.

Atividade 2: Estafeta passa bola por cima e deitam no chão, o ultimo passa saltando os amigos até chegar à frente e fala “levanta” e passa a bola, até todos da fileira fazerem todo processo. Vence a equipe que fazer primeiro.

1. Menino da mesma equipe xinga o outro de “Seu molenga, caralho”. Este parece que sempre quer ganhar as competições.
2. Em uma das fileiras tem mais meninas que cooperam mais entre si e incentiva uma as outras;
3. Já a fila que tem mais meninos, eles gritam, xingam de burro o membro da sua equipe e acabam não colaborando com a equipe.
4. Menino entra na fila das meninas e não coopera só pra provocá-las. Professores ignoram o fato.
5. Menino empurra o outro com a bola e reage empurrando também. Professores ignoram o fato.
6. Menino xinga a menina de surda, burra, etc. ela não reage. Professores ignoram o fato.

Parece que por causa da brincadeira, muitos pisaram no outro que reagiu xingando...

Relatório 5:

Data 30/09

Alunos: 17

Professores: Um professor de Educação física

Local: Parque da instituição

Atividade 1: Circuito de corrida no parque com marcação de tempo.

1. Paulinho tira sarro da menina porque é “devagar” a menina ignora. Os professores ignoram o fato.
2. Menino atrapalha o final da corrida de outro menino e o professor ameaça, “se não parar com isso, vai lá pra cima ‘rezar’!”, se referindo ir conversar na sala com os psicólogos.
3. Letícia se exclui da atividade, e diz para uma menina que é porque não gosta, ela quer só ver, porque “eu sou ruim mesmo... e também os meninos ficam tirando sarro de mim e eu não gosto”. O professor apesar de o comentário ter sido feito ao lado dele, ignorou o fato.

Até o momento nenhuma menina tinha conseguido fazer um bom tempo, e os meninos ficavam falando que eles eram melhores que as meninas “suas fracotes, vai brincar de bonecas, molengas, nos somos melhores que vocês meninas”. Professor ignora o fato.

4. A menina mais velha, fala que irá honrar as meninas, mas na sua vez de fazer o circuito se atrapalha e não consegue. Aí o João que fez o melhor tempo fica tirando sarro dela, xingando de “mulherzinha, perna de pau”. Ela então vai pra perto do professor e cruza os braços. Professor ignora o fato.
5. Alice também se exclui porque disse que “machuquei o pé” e não gosta de competir. O professor não verifica se machucou o pé, e diz “você também não faz nada!” E os meninos ficam dizendo pra ela “é devagar mesmo”.
6. Meninos ficam falando que vão ganhar a competição novamente. Um menino então empurra a menina na fila que quase cai no chão. Ela então simplesmente sai do lugar e vai pra o final da fila. Professor ignora o fato.
7. Menino Paulo abraça e se “esfrega” dando gemidos em um menino que o empurra e fala para parar, ele sorri e para. Professor ignora o fato.
8. Professor reclama dos alunos e fala baixo “que saco”.
9. Um aluno de outra classe chega ao parque atrapalhando o circuito sem querer. O professor fala gritando bravo “da licença menina”. A partir deste momento, dois meninos da classe começa a gritar pra menina “se manca, saí menina”. Professor ignora o fato.
10. Paulinho fica jogando pedaços de pau no Henrique que reage jogando pedrinhas que vai reclamar com o Professor que diz “para Henrique”.

A fila que antes era homogenia fica separada na frente só os meninos, e no final da fila só as meninas.

11. Monique chuta Paulinho na bunda ele reage falando para e depois joga pedaços de pau nela. Professor não vê o acontecido.

Professor diz que agora na próxima rodada não vai ser por tempo e sim competição agora! Começa então competição de dois em dois alunos. Ele inicia com os dois mais competitivos.

12. As crianças tiram sarro das crianças que acabaram se excluindo da atividade falando “voceis não agüentam, meninas”. Professor ignora o fato.

13. Monique comenta que tinha que colaborar com o colega e não atrapalhar ao Professor e que também porque as duas meninas não brincaram, o professor perguntou as duas meninas porque não brincaram e disse “nem vi que não tinham brincado”.

Professor reúne em roda os alunos no final da aula.

Relatório 6:

Data 07/10

Alunos: 18

Professores: Duas estagiárias

Local: Sala de aula.

Não há aula de oficina de movimento, pois os professores estão em reunião da Emdec.

Os alunos estão fazendo pompom para torcer pelo final do campeonato de futebol com folhas de revistas.

1. Menina chama a outra de “Cabeção” querendo pegar a tesoura da menina. A menina então vem reclamar para mim. Disse a ela para procurar uma das estagiárias.
2. Menina bate com o pompom na cara do menino porque quer pegar o papel metálico dele. Ele não deixou e ficou quieto. Ela foi então pedir ajuda a uma estagiária que repartiu a folha.

Relatório 7:

Data 14/10

Alunos:

Professores:

Local:

Não houve observação no dia, pois estava tendo a “festa do sorvete” e nenhuma oficina foi realizada.

Relatório 8:

Data 21/10

Alunos: 17

Professores: Um professor de Educação física, uma professora pedagoga e uma estagiária.

Local: morro do lado de fora da instituição perto da sala de aula do Apoio II.

De primeiro momento a pedagoga falou que iria ser aula normal, mas depois resolveram pegar pedaços de papelões grandes para as crianças escorregarem no morro. Os alunos então ficaram livres para escorregar sem nenhuma orientação de como fazê-lo para aqueles que nunca tinham passado por aquela experiência e a professora saiu. O professor também após atender ao telefone saiu. Ficou somente a estagiária com os alunos.

1. Menino reclama de uma menina porque está parada no lugar para a professora que tinha acabado de voltar. Ela ignora e não faz nada.

Outro menino empurra a mesma menina que o outro havia reclamado e o outro menino o ajuda e diz “isso mesmo Marcos”. A menina então saiu do lugar e se exclui da brincadeira. Os meninos então brincam um pouco naquela área e depois saem dela. Depois de muito tempo a menina volta para a atividade. Professora ignora o fato.

Os alunos reclamam que não estão conseguindo escorregar.

2. Menino diz ao outro que não consegue escorregar por causa de sua bunda. Ele então diz olha o respeito, ai o menino agressor desconversou falando que estava falando que sua bunda estava suja. Professora ignora fato.

Os professores viram que todos praticamente pararam de fazer a atividade e resolveram reunir os alunos para outra atividade. Antes, porém falaram às crianças que estavam reclamando que não escorregavam que se sujavam etc., que era uma atividade programada e que havia dado certo de manhã, só que com crianças de 5 e 6 anos de idade.

Atividade 2: Esconde.

Não houve manifestação agressiva nesta atividade.

Relatório 9:

Data 17/11

Alunos: 19

Professores: Um professor de Educação física

Local: Área da frente das salas de aulas, cimentada, com algumas árvores ao redor.

Por causa do feriado na quinta feira, o professor resolveu deixar as crianças escolherem três atividades. Foram escolhidas Pega corrente, Base 4 e Esconde esconde.

1. Menino xinga a menina de “Besta!” porque foi queimada. Ela não reage na hora, mas depois se exclui de todas as outras brincadeiras. Professor não viu, pois estava conversando.

Professor na brincadeira do Esconde “bate cara”.

Relatório 10:

Data 25/11

Alunos: 12

Professores: Uma professora de educação física e uma estagiária substituta.

Local: Área da frente das salas de aulas, cimentada, com algumas árvores ao redor.

O professor Rogério estava em reunião e as outras professora e estagiária da oficina faltaram, portanto foi realizada por substitutas a oficina. Elas estabeleceram 3 brincadeiras (Base 4, queimada, Esconde esconde) e escolheram por votação dos alunos a ordem das atividades.

Atividade 1: Queimada com curinga.

A professora separa os times da queimada com uma brincadeira de cor.

1. Menino joga bola com bastante força e sempre fala “toma!” para todos que tenta queimar. Professoras ignoram o fato.
2. Um menino que ganhou comemora que venceu e ai menino do outro time que perdeu fala pra ele “cala boca” e empurra o menino, que reage empurrando-o também. A professora então manda todos os alunos irem beber água e voltar.
3. Menino sem nenhum motivo aparente fala para uma menina “vou te catar mano, vou da um bem na sua orelha!” A menina reage falando que não tem medo dele, mas vem ficar do meu lado. Ele então fica quieto e vai beber água. Professores ignoram o fato.

Atividade 2: Base 4.

1. Durante a atividade, a professora intervém em uma discussão de como chutar melhor a bola, depois um aluno, chuta e pena a bola de propósito. A professora diz então que não irá pegar outra e que irão para uma outra atividade.
2. Menino então fica reclamando que não é justo e que o Rogério iria pegar outra bola. A classe então se dividiu, metade ficou do lado da professora e a outra metade ao lado do menino. (Marcus) e dois alunos de ficaram afastados.
3. Menino então diz que quer brincar de esconde esconde e outra parte do grupo quer ir brincar no parque, porque “é o que resta”. A professora tenta explicar, chamando o grupo para conversar.

4. Ela então conversa sobre o que aconteceu, fala sobre respeito, que é uma via dupla, ou seja, todo tem que se respeitar pra também ser respeitado, e que a desrespeitaram.
5. Um grupinho de meninos ignora a professora e uns grupos de meninas bocejam enquanto ela conversa. A professora continua falando que se não tivessem faltado com respeito com ela, ela teria buscado outra bola.
6. Ai o menino que penou a bola fala novamente que quer brincar de esconde esconde, a professora deixa, alguns alunos relutam um pouco, mas depois vão brincar.
7. Na volta do esconde, um aluno novo e o menino que penou a bola começam a se bater um no outro com soco e chutes. A professora grita e com a ajuda de uma menina ela separa os dois. A professora retoma em roda todos os alunos e conversam sobre os acontecimentos da aula.

Relatório 11:

Data 02/12

Alunos: 40. Atividade coletiva com todos os alunos do período na oficina do movimento.

Professores: Um professor de Educação física, uma professora pedagoga e uma estagiária.

Local: Pátio, quadra de futebol e parque.

Atividade Coletiva era Caça ao Cacique, os alunos foram separados em 4 grupos e explicados atividade na quadra de futebol. A área da atividade se estendia ao pátio, e parque também.

1. Menino enforca outro menino de outro grupo durante a competição. O menino agredido chora e sai da atividade falando alto o que tinha acontecido. Os professores viram o acontecido e ouviram a criança, mas ignoraram o fato.
2. Menino fica provocando uma menina xingando ela de vários palavrões, e ela reage xingando-o também na frente de uma professora. A professora então coloca cada uma em um canto.
3. Menino empurra outro menino que reage tentando revidar, mas ao separados por uma menina. Os professores ignoram o fato.

ANEXO B:Transcrições das Entrevistas.

Questões:

1. O que você entende por agressão?
2. Agressividade é manifestada pelos alunos desta instituição? Quais são os tipos manifestados?
3. Como você avalia a estrutura escolar dessa instituição em relação ao favorecimento ou não das manifestações agressivas pelos alunos.
4. Você acredita que haja diferenças nos tipos de agressividade manifestados na educação não-formal em relação à formal?
5. Como você trabalha isso em seu cotidiano, em suas aulas, no seu relacionamento com os alunos?
6. Que fatores você considera que influenciam a agressividade nos alunos?

Entrevista com a Professora Pedagoga da Oficina do Movimento.

1. Agressão...eu acho que é todo comportamento onde essa criança ela própria não se sente bem seja ela agredindo ou sendo agredida .cada vez que ela seja em uma numa situação ela ta incomodada,isso é uma agressão, seja ela verbal, seja ela que incomoda, sentindo mal, é uma agressão, seja tapas, seja palavra alta, seja com outras pessoas ou das próprias crianças, entre as crianças, quando você fala com tom de voz, e a criança tem um tudo imediatismo ela reage aquilo porque houve uma agressão,as vezes nem é intencional, mas é uma agressão.
2. Existem muitas manifestações eu acho que verbais, é as vezes brincadeiras as manifestações verbais são externadas de forma muito grosseira, a gente percebe que uma brincadeira as vezes acaba em briga por conta da agressividade e é eu percebo também que isso na maioria das

vezes em que a criança, inclusive que agrediu que, ela agride, não está bem consigo mesma e quando você chama atenção, quando você para pra conversar ou a leva a uma reflexão, ela chora, então ela está se manifestando de uma forma agressiva, e esse agressivo é muito mais agressivo com ela mesma que com o outro.

3. Eu acho que ela lida de uma forma muito tranquila, tenta ajudar a criança, tenta que ela reflita em cima disso, se é uma escolha, como que ela assume as consequências disso, então existe um trabalho que eu acho que cada professor, cada grupo, mas que é o perfil da escola e que se a gente precisa de ajuda da família a gente tem liberdade pra fazer, mas esse critério tem que estar de acordo, tem que ter tentado aqui na escola já, tem que ter feito alguma coisa com essa criança para que ela não se sinta mais agredida mesmo. De repente na escola tem muita coisa que pode ir fazendo antes de chamar os pais pra que ela não leve de repente uma bronca ou fique de castigo ou apanhe por conta de alguma situação que aconteceu. Eu vou trabalhar com essa criança aqui dentro da escola, diluir isso para que ela encontre um caminho e fique mais feliz. Se existe uma dificuldade maior a gente pode até chamar a família e resolver-mos juntos. Acho que favorece a estrutura da escola e favorece o trabalho que inibe a agressividade. Talvez não seja o melhor caminho, mas favorece. Tem um trabalho, tem uma abertura nas oficinas que ela pode falar, expressar-se com todas as idades. É com a diferença, mas dos quatro grupos que tem crianças desde a primeira série até a quarta séries. Tem agora os mais pequeninos. Existe uma diferença de faixa etária essa coerência dessa abertura que a criança se manifesta, que ela mesma construa.
4. Eu acredito que sim, eu acho que não-formal, o convívio como eu disse na resposta anterior, o convívio desde o primeiro instante que ele entra no PRODECAD, na escola, ele já está convivendo com grupos diferentes, parte da experiência, parte do campo de amizade seja menor, ou maior, as diferenças também acabam aparecendo em alguns momentos, mas o próprio trabalho faz com que exista um respeito nesse potencial de cada um. E percebo que o grupo, no começo dos apontamentos é que ele não sabe, ele é menor, não consegue, hoje eles não vêem isso como não ele consegue, os apontamentos são diferentes, ele faz diferentes do que eu, ele fez melhor que o meu, ele desenha melhor que eu, então é diferente a colocação. As agressões acabam que, pelo trabalho passado dois meses, você já vê que ela diminuiu, que o

menor que melhorou a auto-estima dele, ele já está mais encorajado a arriscar mais. E é muito real isso, no primeiro dia, às vezes ele não quer fazer uma atividade, passado um mês ou dois meses, vão convivendo, a gente faz uma dinâmica, uma brincadeira, uma atividade, um apontamento, ele começa a se arriscar, demonstrar e quando ele menos espera, ele está fazendo muito mais que o maior e o maior já não está se comparando, se achando.

5. Acho que nosso trabalho é bem intensivo, tanto você vai perceber que na três respondi a quatro e vai perceber aqui que quase na quatro, respondi a cinco, e porque o trabalho acaba tendo essa sincronia, sintonia aí. As atividades são sempre favorecendo o potencial de cada, todos independente da faixa etária, então você coloca o colchão pra fazer um rolamento, o menorzinho tem a mesma condição, ali tá favorecendo para que o maiorzinho não machuque, o menor não machuque o maior e cada um vai trabalhando isso, cada um vai apontando, aparecendo dentro colocando seu potencial, não existe uma atividade em que o menor não vai fazer mostrando sua diferença, um só um apareça, são propostas de atividades em que cada um possa demonstrar seu potencial. Eu acho que se ela acontece em grupo a gente faz uma reflexão pra resolver a manifestação no grupo, se elas acontecem individuais a gente vê se aquele aluno é necessário ter uma conversa individual, ou que se reflita mais sozinho. A gente também tem esse espaço para chamar os pais ou chamar individualmente, a gente reflete isso por isso sempre, trabalhamos em dois ou três professores ou estagiário, a gente tem uma condição muito maior pra que não deixe que ninguém fique de fora, independentemente do que tenha acontecido da ação, da contrariedade, da agressão, que ele possa refletir rapidinho, refletir e participar da atividade, e num segundo momento a gente vai conversar mais sobre isso. A gente tenta não deixar fora da atividade se tiver que parar para pensar, que pare rapidinho e em seguida que ele tenha vontade ou a gente tenta induzir para que ele volte e se sinta capaz, ou pra participar da atividade inteira, pra não deixar ninguém de fora.
6. Eu acho que a gente tem uma clientela muito diferente aqui no x, são todos filhos de funcionários da Unicamp, portanto ela tem uma vida infantil muito adulta eu acho, então se os pais levantam de madrugada a ela levanta também, pega fretado ou pega circular comum, ou seja dorme tarde e levanta cedo, acho que esse e fica o dia todo em duas escolas, há oficina do movimento é muito brincante mas temos nossa divergências, então ele tem uma vida muito

adulta, o cansaço, a rotina, vida de adulto na infância é um fator. Um outro fator é a estrutura familiar, a cultura, a rotina familiar, não sei se é a estrutura ou desestrutura familiar e um outro ponto, a gente tem um relatos aqui que quando a gente para pra conversar vê que é por causa da mãe ou do pai, por mais que tem psicólogos, professor pedagogo, a gente não tem como deixar a criança, esse choro da criança sem ter uma afetividade, afinal, a criança continua sendo criança e pra ela é muita coisa essa rotina, outro fator e as diferenças individuais que fazem parte, são normais, acho que esse dois fatores da criança vive hoje de ter uma vida adulta e essa estrutura ou desestrutura familiar que temos que ponderar.

Entrevista com a diretora da Instituição .

1. Eu acredito que agressão é uma maneira que a criança ou a pessoa, o indivíduo de reagir uma situação principalmente quando ele não concorda essa situação, a gente pode até pensar que é uma maneira de responder, é um tipo de linguagem que a pessoa escolhe para responder a uma situação.
2. Acredito que sim, num universo de 510 de alunos e 80 funcionários com certeza a gente tem várias manifestações da agressão. A criança quando muitas vezes é impedida de realizar a atividade como ela pensasse que fosse, quando é negado um pedido, quando é pedido que ela cumpra uma rotina, também no universo dela ela só tem uma maneira de resolver essa situação, então ela reage de maneira agressiva, da forma como ela vê a reação dos pais ou mesmo aqui dentro da escola funcionários agindo de maneira agressiva com outros. Os tipos apresentados são nas crianças são as vias de fatos, tapas, empurrões, e nos adultos é mais uma palavra por conta da situação.
3. Como a gente faz parte de educação não-formal, a gente procura trabalhar todos profissionais da escola pra tentar melhor lidar com essas situações. Então quebrar um pouco esta hierarquia da escola, tido mundo junto, a equipe técnica, a direção, professores, funcionários de apoio e tentando criar um ambiente mais saudável, e acolhendo todas as pessoas que tem necessidade de reagir agressivamente num determinado momento, tanto a criança quanto a família ou um funcionário. A gente procura criar uma possibilidade pra trabalhar esta situação.

4. Acho que não. A agressividade da criança vai se manifestar de maneira igual tanto na educação formal quanto aqui, no caso do ensino não-formal.
5. Como eu ocupo um cargo de direção eu preciso tomar muito cuidado, prestar muita atenção em todos detalhes, primeiro me policiar para que eu não nunca reaja agressivamente em nenhuma situação e quando isso acontece, também, não sair do meu lugar e não perder a aceitação dessa pessoa que está sendo agressiva comigo, adulto ou criança. Acho que o mais importante nesse momento é acolher pessoa que ta vivendo esse momento difícil. Eu acho que a pessoa que é agressiva ela vive já nesse cotidiano, ela recebe muito também, então quanto mais receber essa agressão com tranquilidade, ir pontuando mostrando que ela não precisa fazer isso dessa forma, que pode fazer isso de outras maneiras, que ela tem direito de questionar a situação, de reclamar da situação mais existe outras maneiras de reclamar da situação sem ser de uma maneira agressiva. Então é isso que procuro fazer no meu dia à dia.
6. A gente vive numa sociedade muito agressiva, acho que ela faz parte hoje infelizmente do cotidiano da nossas vidas então no transito, na fila, queira ou não queira tem 24 horas por dia das nossas vidas. Aquilo que tem na televisão, programas de televisão, tudo que está então permeando nossa vida hoje ela vem de uma maneira agressiva, então a criança vive nesse mundo.
E aí da troca entre as características pessoais, do ambiente que traz e o ambiente que a escola muitas vezes favorece também, pode criar um ambiente assim. Eu acho que então são esses os fatores que hoje influencia o trabalho aqui com as crianças.

Entrevista com o psicólogo Israel da Instituição.

1. Hoje eu acho que estamos, fora crise econômica que estamos vivendo, que é justamente uma maneira de ver que sistemas de governo não podem ir pra frente do mesmo jeito que estão indo, eu acho que a gente passa por uma crise de valores muito grande, e essa crise de valores

me parece muitas vezes esquecidas, porque vejo algumas pessoas, aquilo que as crianças vivem na escola, nos professores se portarem, na maneira do consumo, do imediatismo das coisas, no individualismo, que levam a agressão, lógico na minha área que agressão é a uma violência mesmo na estrutura psíquica do ser humano, porque eu acho que tem alguns valores, se você mexer neles, se você não levar em consideração, eu acho que você comete alguns erros graves na educação do ser humano. E educação estou falando muito além da pura transmissão de conhecimento.

2. Eu preciso fazer uma diferença ainda do que eu entendo por agressão e por agressividade. Eu faço uma diferença muito grande. Agressividade é estrutura, você cria condições favoráveis para que o ser humano enfrentar qualquer adversidade que encontre, como disse antes, que o ser humano parece sempre buscar viver a felicidade a todo custo, a todo momento. Isso é impossível no ser humano. Então parece que a agressividade exatamente estrutura, diante dessa fragilidade a agressividade, diante de qualquer frustração eu acabo ficando nervoso irritado. Então a agressividade parece a fragilidade dessa estrutura, então agressão é a função dos valores e a agressividade estrutura é essa fragilidade psicológica e o fortalecimento dessa estrutura que faz com que a criança não se torne agressiva ou violenta. A Agressividade é manifestada sim aqui como qualquer lugar, não tem diferença nenhuma, o que faz diferença são quanto as instituições que o mais importante é a família sem dúvida, que é a primeira dessas instituições, então tudo o que foi implantado, todo o cuidado vai se manifestado na segunda instituição que é a escola segunda estrutura. Quais tipos? São vários: desrespeito o outro, principalmente isso, tudo dependemos do outro, ai que é o problema, refém da estrutura e ai podemos ser alienados de vez ou construir uma base ;então a agressividade com o ambiente da escola, da falta de aprendizado, afinal o imediatismo é tão grande que não consegue aprender, conhecimento é esforço, é dedicação e que não é assim tudo que tenho que fazer tem que me dar prazer. Você não é capaz de tolerar a frustração num jogo de futebol ou que o outro sabe mais que você então aí é um passo pra você desrespeitar, e xingar o outro.

3. Esta instituição é chamada de educação não formal, é o seguinte, é uma maneira de educar diferente estabelecida pelo nosso país estabelecida da escola oferecida pelo governo, elas são complementares, temos uma outra maneira de educar aquele conteúdo não ficando preso as disciplinas como vem sendo trabalhado no ensino comum, e isso é extremamente agradável mas complicado também, precisamos de um professor bem qualificado que busque outras soluções quando vêem que os alunos não estão conseguindo aprender, porque existem milhares de maneiras de ensinar o conteúdo e aí é falha mesmo do professor . A estrutura favorece no sentido dessa abertura pro professor, possa cuidar de outras coisas diferentes da escola comum que o estado oferece. Nós não vamos transmitir só conhecimento, tem muito mais coisa que a gente ensina que nós próprios nem damos conta, possibilidade aqui é riquíssima mas eu acho difícil, temos que cuidar da formação desses professores, das famílias e da estrutura da escola está montada para que tenha essa abertura para que o professor saber que ou eu consigo perceber que essa criança tem algo a oferecer, algum conhecimento, levar em consideração, e o professor fazer o papel de mais um, de fazer o saber circular, e aí quando lhe é tirado a cartilha que te dá uma segurança mas de outro lado é emburrecedor, ele vai atrás de outras soluções, então o professor hoje tem de saber fazer o saber circular de toda forma, sem cartilha, porque as crianças hoje não se interessam pela maneira que lhe é ensinada o conteúdo .O ato do professor, a maneira do professor, a postura do professor é tão importante quanto ao conhecimento que ele está querendo transmitir, então isso coloca em cheque a maneira que vai servir um almoço, vai dar uma aula de educação física, vai contar uma história, ou ensinar o aluno a contar uma história você vai perceber que a cultura é muito maior que vai transmitir que o conteúdo em si.

4. Não, eu não acredito. As manifestações são as mesmas, os terrenos são diferentes, maneira que você lida é que faz a diferença, pode ser de grande ajuda você tirar a criança daquele convívio, a prática sua educacional ajuda ela se afastar disso, e outras vezes ela é mais rápida que uma granada mais do que a exclusão por exemplo, hoje eu percebo que a gente procura resoluções mais fáceis diante da agressividade, as vezes tem alguns furtos em sala de aula ou tem aluno pegando coisas do outro e aí é mais fácil fechar a janela e trancar a porta do que trabalhar isso

com as crianças, e é claro quanto mais a sociedade caminha, cada vez você tem menos liberdade, estamos cerceando nossa liberdade, não é a toa que nos estamos fechando em condomínio e não é porque somente da violência urbana . Não há diferença nenhuma, isso é geral, a coisa que mais impressiona é como as pessoas vêem isso ou como é trabalhada, às vezes vejo que nem é trabalhada, que acaba caindo tudo na criança, sempre ele é o agressivo, o violento, não é trabalhada a causa, porque o mais importante é a causa porque a agressividade é um sintoma, não se faz aqui, pelo menos não vejo, a análise de comportamento, o que está causando é o que é mais importante, essa é a diferença.

5. Nos estudamos algumas maneiras de trabalhar isso nos ajuda muito porque você sabe que recebemos alguns estagiários, e os estagiários traz uma maneira diferente de olhar as coisas, hoje eu percebo que não dá pra tocar uma escola sem ter uma boa formação, mas isso não é suficiente, precisamos discutir isso, eu vejo muita vezes na nossa escola que professores perderam a esperança, que o ser humano é imprevisível mesmo, que onde as vezes quanto menos se espera a coisa anda, então eu sempre tento manter a esperança aqui; mas é estudando, pesquisando e discutindo, vivendo a escola, mas isso não é fácil. Hoje eu considero a profissão de professor a mais difícil do mundo, você nunca sabe se o aluno entendeu aquilo que você queria lhe ensinar, então essa não adequação que aquilo que se ensina com que se aprende, cada um é único e marcado de uma maneira, pode perguntar pra cada aluno ou pra cada filho, como não temos a medida pra isso que é normal é estrutural do ser humano, a pedagogia é boa, não é buscando uma nova teoria é que vai tampar a falha, pois é constitutiva do ser humano e todo nosso trabalho não é tampar essa falha mas é falha constitutiva mesmo, não tem jeito mas saber trabalhar com isso aprender com isso, trabalhar com isso, é preciso que gente ofereça esse referenciais pra criança e a gente sabe que vai fazer, como disse no início o afeto, carinho, respeito, equilíbrio são essas palavras significantes que faz efeito na vida do sujeito.
6. Hoje todo ser humano tem que ser autônomo, a educação prega a autonomia toda hora, e parece que assim, que a autonomia tem que fazer por si só, que não é, e que assim tem que

desobedecer, mas a autonomia é sempre compartilhada com o outro, então coloca o jovem numa encruzilhada danada, cria no jovem numa raiva danada porque ele não pode ser mais criança você vê os pais falando isso pra criança, que você é criança mas tem que ter maturidade, é uma idade importantíssima do ser humano, e acabam tendo com isso um comportamento justamente pra chamar atenção. E não podemos abdicar dessa idade. A criança tem que dar conta dessa subjetividade de ser humano, que o desenvolvimento parte de crises e retomadas do ser, como retomadas de crises de referência como na adolescência. São os fatores que influenciam os alunos de 7 a 10 anos os pequenininhos é um barato, pois tudo que vêm querem fazer igual, tem curiosidade, e depende do que os pais fornecem pra criança esse aprendizado e que depois ela entra num período de adequamento, de tranqüilidade, de dormência, ela vai pra escola e vê o que o outro pode oferecer tem curiosidade então você vê o cuidado que a escola tem que ter porque tudo que coloca na frente da criança ela vai perguntar o porquê. Tudo que a criança vivência ela vai aprender .Os pequeninos vejo que são preocupados com coisas de adulto que não precisam passar, os pais não sabem lidar com os filhos, a escola não sabe lidar com as crianças, não há respeito pela idade que eles estão, o melhor pra criança é viver a infância, não dá pra uma criança de sete anos vir pra escola preocupado com o namorado da mãe, ela não vai aprender, ele tem que estar solto, pra brincar, aprender, as crianças levam as aflições pra escola de que não precisam, elas ficam presas demais com isso, não estou falando que isso provoca a agressividade mas há maneiras de lidar com isso,elas vêm com preocupações não necessárias pra idade dela, os pais falam que tentaram conversar com o filho várias vezes mas não adiantou, então tente de novo de outra maneira, se não há agressividade explícita, mas no sentido de que não forneça pra criança uma estrutura para que enfrente a vida, não somente a escola mas a família também.

Entrevista com o Professora de Educação Física da Oficina do Movimento.

1. Agressão é a maneira mais fácil e rápida de resolver alguns problemas, algumas dificuldades que a criança pode apresentar em algumas situações. Então é o meio rápido que ela consegue resolver no caso muitas vezes usadas pela sua força maior ou idade mais avantajada ou

propriamente o físico, então acaba resolvendo de uma forma agressiva quando lhe falta calma ou outra maneira de lidar com o assunto.

2. A agressividade é sim manifestada pelos alunos aqui do x, acho que os mais comuns são alguns embates que acontecem durante por exemplo num jogo de futebol é enfim ou qualquer jogo que acontece aqui, por um problema ou outro da criança que ela não consegue resolver de uma forma saudável ela parte para agressão. Então quando o fogo não é muito controlado é um fator que determina uma agressão.
3. Na minha opinião a estrutura da instituição não tem tanta influencia assim não mas como a gente trabalha um grupo bastante heterogêneo de crianças, ou seja de crianças desde primeira à quarta série, todas no mesmo grupo, meninos e meninas eu acho que acaba determinando uma agressões ai por causa da diferença de idade, diferença de tamanho e tanto divergência que as pessoas acaba tendo no do dia à dia.
4. Acho que não tem muita diferença não, criança é criança aqui na educação não-formal como na formal. O que pode variar é algum um tipo de agressão mas ela acontece da mesma forma.
5. É eu acho que tem que chamar os dois lados onde houve a agressão tentar conversar com eles ponderar e está enfatizando que não é a melhor maneira mais correta de resolver a situações, é conversando, dialogando, chamando sempre o professor mais próximo para poder ta mediando as situações. Então a conversa com os alunos é fundamental nessa situação.
6. É eu acho que uma possível é a desestrutura familiar favorece, eu acho que vivenciar tipos de agressões em casa ou até mesmo junto com os amiguinhos, mas mais na família mesmo, isso desencadeia agressão na criança, se ele então vive num ambiente em paz, harmonia, tranquilo, onde se resolve no dialogo, ele não vai se tornar uma criança agressiva, mas se ele vive num lugar onde tenha agressividade, xingamento, a tendência de ele se tornar uma criança agressiva é muito maior.

Entrevista com a orientadora pedagógica da Instituição .

1. Eu acredito que agressão é toda forma que você tem de reação não esperada, A agressão pode ser física, pode ser verbal, a agressão as vezes ela não é física, verbal é moral, então formas assim tem de reagir aquilo que você não quer, que não deu certo, mais é uma forma de reagir, colocar assim, de uma forma não civilizada.
2. A agressividade hoje em dia está presente em todas os lugares, então todo lugar você vai formas de agressividade, então é lógico aqui ela é sim manifestada sim, a criança demonstra sim a agressividade, é tanto física quanto verbal, mais verbal do que física mas não é física com atos de violência mas ela tem um empurrão, um beliscão, mordidazinha de vem em quando, acontece . Até porque as crianças brincam correm e até na brincadeira mesmo a criança reage de uma maneira mais agressiva dando um empurrão, mas ai é mais uma agressividade e não violência.
3. A estrutura de ensino não-formal por não ser conteudista, tem abertura a gente tem mais liberdade de trabalho, de ação e trabalhar mais com as brincadeiras, às vezes a gente propicie com que a criança manifeste mais reações agressivas, mesmo porque está num espaço mais aberto, que ela ta fazendo atividades que ela convive com outras pessoas, ela está num ambiente com mais pessoas ela não está isolada, com atividades individual, na maior parte a criança está fazendo atividades no coletivo e ai que a criança vai manifestar mesmo a sua agressividade, porque vai ter que ai a aprender a convivência, você vai conviver com outros ai nesse convívio e que vai aprender que tem que conviver com a diferença, e num primeiro momento, a criança, no adulto já é difícil entender a diferença e aceitar a criança então.
4. Manifestações agressivas diferentes eu acho que não, mas a maneira que é trabalhada, que reage a isso sim, a nossa estrutura enquanto ensino não-formal propicie que pare a atividade naquele momento, e que retome com a criança e as vezes que até repreenda a criança sim, mas

que seja retomado isso mas que a nossa função é auxiliar a criança refletir sobre isso. Então não é só repreensivo, você não deve fazer isso é refletir sobre o porquê você fez isso e quais outras formas de reagir diferente daquela.

5. Em relação agressividade dos alunos toda vez que é trazido no caso aqui, quando extrapola lá no campo do professor, e traz pra cá, o que nos trabalhamos e não só eu, mas toda equipe técnica é a reflexão sobre o ato. Então vamos refletir sobre o porquê foi feito aquilo e se tinha outra forma de reagir do que aquela. Primeiro passo antes de tudo é esperar a criança se acalmar, dá um tempo pra ela se acalmar primeiro depois conversar porque não adianta conversar no momento ta pegando fogo ela só vai xingar então espera ela se acalmar e a gente conversa. Aí se necessário, se extrapolou o campo da agressividade e foi pra violência a gente vai chamar os pais para compartilhar isso também e acompanhar sempre essa criança, e tem casos também que a gente consegue a não intervenção, também tem que deixar a criança as vezes aprender resolver seus problemas entre elas, se toda hora você interfere você não deixa a criança desenvolver o crescimento dela, que é ali aprender na convivência conversando entre elas que vai resolver.

6. A agressividade como estávamos antes conversando antes, está presente no ser humano, você vai aprendendo ao longo da vida como canalizar essa agressividade, vai fazer um esporte, vai praticar ioga, pra poder se acalmar, pra poder lidar melhor com a agressividade. Acho que os fatores que vão propiciar que essa agressividade apareça é o convívio. Você vai conviver com o outro com as diferenças do outro. E isso vai fazer com que sua agressividade apareça em algum momento ela vá aparecer, seja por opinião diferente, seja numa brincadeira que a criança as vezes por conta da brincadeira esbarra no outro sem querer mas o outro não entende que foi sem querer e aí já é um reflexo mesmo, o outro que tem opinião diferente eu já xingo então eu vou crescendo a minha posição que pode ser um pouco acima do outro e pode ser usado o moral, usar aquele tipo de atitude que se você não fazer você sabe o que vai acontecer...e ai então os fatores acho que o convívio com as pessoas é que propicia. Então acho quando eles se desentendem seja numa brincadeira ou numa roda, acho que são opiniões

diferentes, também a televisão, os programas estão muitos violentos, a família, a maneira que você é educado, a maneira que você vê seu pai reagindo no trânsito, reagindo diante de outras pessoas, num jogo de futebol. Principalmente as meninas agora, que estão mais interessadas no esporte. Acho que são diversos fatores, mas você viver em sociedade que se dispõe a agressividade.